



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

VERONICA MARIA FRANÇA MATEUS

A INCLUSÃO DO ALUNO SURDO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: um olhar sociológico
no Centro de Ensino Integral Professora Margarida Pires Leal

São Luís
2018

VERONICA MARIA FRANÇA MATEUS

A INCLUSÃO DO ALUNO SURDO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: um olhar sociológico
no Centro de Ensino Integral Professora Margarida Pires Leal

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Sociais
da Universidade Estadual do Maranhão para a obtenção
do grau em Licenciatura plena em Ciências Sociais.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marina Santos Pereira Santos

São Luís
2018

Mateus, Veronica Maria França.

A inclusão do aluno surdo na educação básica: um olhar sociológico no Centro de Ensino Professora Maria Pires Leal / Veronica Maria França Mateus. – São Luís, 2018.

78 f.

Monografia (Graduação) – Curso de Ciências Sociais, Universidade Estadual do Maranhão, 2018.

Orientador: Profa. Marina Santos Pereira Santos.

1.Alunos surdos. 2.Inclusão. 3.Estigmatização. 4.Interação.
5.Representações sociais. I.Título

CDU: 376-056.263

VERONICA MARIA FRANÇA MATEUS

A INCLUSÃO DO ALUNO SURDO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: um olhar sociológico
no Centro de Ensino Integral Professora Margarida Pires Leal

Monografia apresentada ao Curso de Ciências
Sociais da Universidade Estadual do Maranhão
para a obtenção do grau em Licenciatura plena
em Ciências Sociais.

Aprovada em: __/__/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dra. Marina Santos Pereira Santos (Orientadora)

Universidade Estadual do Maranhão

Prof.^o Me. José Antonio Ribeiro de Carvalho

Universidade Estadual do Maranhão

Prof.^o Me. Leandro Augusto dos Remédios Costa

Faculdade Santa Terezinha

Primeiramente à Deus, que esteve sempre me dando força, à minha família que sempre me incentivou e confiou em meu potencial, à esta Universidade, por todo o seu corpo docente em que pude me inspirar e aos alunos e gestão da escola em que pude realizar esta pesquisa, acrescentando assim mais certeza no que pretendo dar continuidade à este trabalho para contribuir com a comunidade surda no âmbito educacional com um olhar sociológico.

AGRADECIMENTOS

Ao decorrer destes últimos quatro anos muitas pessoas passaram por minha vida, algumas continuaram, outras já estavam de anos antes e as demais se tornaram cometas, chegaram, marcaram e foram embora, mas deixando o seu legado em minha história. E das pessoas que ficaram até hoje comigo, acabaram por se tornar ainda mais especiais, pois compartilharam desse momento comigo, mesmo que tenha sido cada uma do seu modo, tanto profissionalmente como pessoalmente, então me esforcei ao máximo para citar todas essas pessoas e peço desde já desculpas àqueles que não foram citados corretamente, saibam que não passaram de forma despercebida, estão todos em meu coração.

Primeiramente à Deus que permitiu que tudo isso acontecesse, ao longo de minha vida, e não somente nestes anos como universitária, mas que em todos os momentos é o maior mestre que alguém pode conhecer. Através d'Ele que me senti fortalecida ao ponto de superar as dificuldades que encontrei e quando eu pensava em desistir, Ele esteve lá me dando força e ânimo por meio da minha fé para alcançar esta etapa tão importante da minha vida, principalmente nesse último semestre em que me deu forças para seguir e lutar, mesmo com todas as adversidades que apareceram, ainda mais no quesito do sistema imunológico, obrigada por tudo e por ter me dado força e fé para continuar, para ir ao campo de pesquisa, por também ter tido força para escrever essas páginas, porque só Ele sabe o quanto doía minha mão ao digitar devido a alergia que adquiri, obrigada por tudo, Deus.

Ao meu pai Raimundo, por sempre ir comigo me levar e me buscar na parada quando eu vinha da UEMA, mesmo naquele sol de torrar (que mais parece um sol pra cada um de nós), mas sempre esteve comigo e cuidando de mim, mesmo com seu jeito envergonhado de ser mas sei o quanto ama nossa família, minha avó Verônica por me ajudar na minha formação e ser nosso alicerce em casa, quem dera eu, ter tamanha fé que a senhora tem, uma mulher guerreira que desde pequena não teve uma vida fácil mas que nem por isso desistiu e soube construir e cuidar bem dos filhos e fazer eu ter a melhor mãe do mundo.

Em especial à minha mãe, Vera, que me deu apoio e incentivo nas horas difíceis e de cansaço extremo, estava ali sempre comigo, mesmo nas horas de fraqueza, era e sempre será o meu alicerce, aquele porto seguro. Obrigada pelas conversas que sempre tínhamos (e temos), tarde das noites (é o nosso momento de falarmos do nosso dia, já que durante ele a senhora sempre tá bem ocupada), por me ouvir falar de tudo, sempre atenta e me dando conselhos e incentivos quando mais preciso. Obrigada mãe pelos sacrifícios que fez juntamente com papai e vovó para que eu chegasse aqui onde estou, tudo isso para a minha formação. Desculpe pelas notas ruins e recuperações na escola (risos) mas que aquelas broncas me fizeram ser quem sou, eu realmente não seria nada sem o teu amor, a tua educação, obrigada por tudo e por estar comigo, mesmo quando não mereço.

Agradeço também as minhas irmãs Márcia e Paulina, em especial a essa menina chata citada por último que me suportou nas minhas crises da construção dessa monografia e que apesar de ser a mais nova, era a que sempre me deu conselhos e um ombro amigo, mesmo com nossas brigas (mas afinal, quais são os irmãos que não brigam né?), te amo menina chata.

Ao meu namorado Eleilson, que além de namorado, foi meu companheiro, amigo de todas as horas, inclusive na tão (des) esperada monografia. Sempre me apoiou em tudo, dando segurança e sendo meu pé forte nas horas mais difíceis, sempre estando ali para que eu não me desanimasse. Obrigada por tudo, por sua paciência comigo em todos esses anos (porque sei que não é fácil me suportar, ainda mais nas tpm e crises monográficas que tive). Uma das pessoas que mais me ajudou para que eu chegasse aqui, por sempre ter achado uma solução na minha vida quando elas pareciam não existir.

Você foi a pessoa que compartilhou comigo meus momentos de alegria e tristeza, mais uma vez obrigada por ter me incentivado a continuar neste curso, por ter me ajudado a comprar meus livros quando eu mais precisava tê-los, na compra do meu notebook para a escrita da minha monografia, por me levar para espairecer um pouco quando eu tive crises de surtos, por sempre estar ali comigo e ter acreditado no meu trabalho e na pessoa que posso ser, além desta monografia, dedico também o meu amor por você.

Agradeço a esta Universidade e toda sua direção, em especial a alguns professores que me inspiraram para eu ser uma grande profissional que ainda fazem parte do corpo docente e alguns que já saíram da instituição.

A exemplo, o professor José Antonio Ribeiro de Carvalho que sempre me instigava e apontava leituras para mim ao longo da minha graduação, pelos puxões de orelha que dava no meio do corredor (risos) e principalmente pelo suporte que me deu quando fiz uma cadeira fundamentos sociológicos da educação que por meio dela me senti mais confiante para continuar com meu tema de pesquisa e também nos nossos encontros nas reuniões de PIBID.

E por falar nesse programa não poderia deixar de citar um grande inspirador que tive, o professor José Domingos Cantanhede que me fez crescer muito enquanto graduanda e posso dizer que como uma futura educadora, pois com as “brincas” que ele nos dava, seja por não realização de tarefa ou quando não entendíamos algo, nos fazia crescer o bastante e lutarmos sem abaixarmos a cabeça e através desse ensinamento (mesmo que por vezes de forma indireta - risos), era uma forma que ele tinha de nos passar carinho sem nos deixarmos dependentes, agora eu sei que tudo isso era pra que no futuro, em nossos empregos ou na vida, pudéssemos ser independentes e nunca ficarmos cabisbaixos com os problemas que aparecesse. E a todos meus companheiros de PIBID e de vida que estiveram comigo: Ariane Oliveira, Fabiana Lima, Edson Dias, Juliana Carvalho, Maria Fernanda, entre outros bolsistas.

E de forma geral, agradeço a todos os *professores* por me proporcionarem o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de *formação profissional*, por tanto que se dedicaram a mim, não somente por terem me ensinado, mas por terem me feito aprender. A palavra mestre, nunca fará justiça aos *professores* dedicados aos quais sem nominar terão os meus eternos agradecimentos.

Não podendo esquecer que esse trabalho só existiu graças a um trabalho em conjunto que surgiu no início da graduação com Andreza Pearce, Márcia Regina, Hozana Amorim e a minha loirinha Suzenny Dutra e que através dele me incentivei e tive o interesse de ir além e continuar com essa pesquisa, mas preciso citar vocês

que também tiveram colaborações com ele, logo no início de tudo. Quero também agradecer à Myrla Luna por ter estado comigo, por cada palavra de fé e sabedoria.

Aos demais companheiros de sala, por todos os momentos vividos, desde as crises até o meu aniversário surpresa promovido por Rodrigo Martins, porque tu sabias que eu nunca tive um e ter tido um foi indescritível, saiba que nunca vou esquecer disso, obrigada a cada um, porque crescemos e muito e mesmo com todas as divergências nós permanecemos juntos e nos ajudando entre si.

Ao meu querido professor Leandro, quero deixar meu reconhecimento e gratidão por ter estado comigo e suportado minhas inúmeras mensagens que lhe mandava com as dúvidas e crises que eu tinha. Obrigada pela paciência, dedicação, companheirismo, por sua amizade ao longo da construção dessa monografia e também ao decorrer dessa graduação, obrigada de verdade por tudo e que tenhas sucesso em sua vida profissional, tanto agora em sua nova etapa de vida que é o doutorado, como futuramente, pois sei o quanto és capaz.

E também, por último mas não menos importante, a minha orientadora de monografia, que me ajudou, sempre esteve ali comigo, incentivando na escrita e cobrando em nossas reuniões, exigindo sempre que eu desse o melhor e graças à isso, a essas cobranças que hoje estou aqui defendendo essa monografia, não da forma imaginada, mas de uma maneira bem melhor do que criada em minha mente.

Além de professora e orientadora, ela acabou sendo uma mãe para mim, mesmo que por vezes eu tenha tirado a paciência dela com meus milhões de mensagens (risos) mas, de verdade, meu muito obrigada por tudo. Meu muito sincero agradecimento por ter visto em mim um potencial que eu jamais pensei ter, ter tido confiança em mim, agradeço por ter me transmitido seus conhecimentos e orientação, tirando um tempo seu para mim e me ouvir e me dar suporte e pedir desculpas por todas às vezes que lhe enchia de mensagens para tirar dúvidas ao longo da escrita.

Agradecer também a todo o corpo docente da escola em que pude realizar a minha pesquisa, em especial a gestora Rita de Cássia, como também à alguns professores que estiveram comigo ao longo dessa escrita de monografia, que me aconselharam e estiveram comigo nesses momentos, obrigada por tudo.

Aos alunos também da escola, onde eu também estagiei e realizei outros momentos, representado na pessoa do Phelype Martins que foi um dos alunos que mais me ajudou, aconselhou e esteve comigo sendo meu 'assistente' (risos), obrigada a todos vocês pelos carinhos e abraços dados em todos os dias que est na escola.

Ao Curso e Departamento de Ciências Sociais, em especial aos alunos e alunas da minha turma de 2014.1. E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

*“Porque ser canhoto é estranho:
Se o coração fica do lado esquerdo do peito.”
(Kaio Bruno Dias*

RESUMO

Neste trabalho foi analisado sob a ótica de um olhar sociológico e interdisciplinar a inclusão do aluno surdo na educação básica, com o objetivo de analisar como ocorre as relações de interação entre alunos surdos e a equipe escolar no Centro de Ensino Integral Professora Margarida Pires Leal. A metodologia adotada foi a etnografia, com bases em observações diretas, entrevista aberta com os atores envolvidos nesse processo de inclusão e análise bibliográfica sobre esse tema, com os estudos baseados em Erving Goffman, Norbert Elias, Pierre Bourdieu, Émile Durkheim, Paulo Freire, entre outros. Buscou-se assim, analisar a política educacional de inclusão, apreender o ponto de vista desses porta vozes e investigar como apresentavam a 'inclusão'. Os resultados demonstraram que a instituição escolar inclui, porém com limitações do ponto de vista das relações interpessoais dos atores escolar envolvidos.

Palavras-Chave: Alunos surdos. Inclusão. Educação. Estigmatização. Interação.

ABSTRACT

In this work, the inclusion of the deaf student in basic education was analyzed from the perspective of a sociological and interdisciplinary perspective, with the objective of analyzing how the interaction between deaf students and the school team occurs in the Integral Teaching Center Professor Margarida Pires Leal. The methodology adopted was ethnography based on direct observations, an open interview with the actors involved in this process of inclusion and bibliographical analysis on this topic, with studies based on Erving Goffman, Norbert Elias, Pierre Bourdieu, Émile Durkheim, Paulo Freire, among others. The aim was to analyze the educational policy of inclusion, to apprehend the point of view of these spokesmen and to investigate how they presented the 'inclusion'. The results showed that the school institution includes, but with limitations from the point of view of the interpersonal relations of the involved school actors.

Keywords: Deaf students. Inclusion. Education. Stigmatization. Interaction.

LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

Figura 1 - Frente da escola	40
Figura 2 - Sala dos Professores	41
Figura 3 - Estante de livros.....	42
Figura 4 - Sala de aula (1ºano)	43
Figura 5 - Sala de Recursos Multifuncionais	44
Figura 6 - Alfabeto Manual	53
Gráfico 1- Compreensão de 'inclusão' entre os alunos.....	51
Gráfico 2 - A 'inclusão' é a melhor maneira de inserir esses alunos surdos.....	54
Gráfico 3- - A LIBRAS facilita a comunicação.....	56
Gráfico 4- – Professores que são favoráveis à 'inclusão'.....	59

LISTA DE SIGLAS

AACD	Associação de Assistência à Criança Deficiente
APAE	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
CAS	Centro de Ensino e Apoio à Pessoa com Surdez
IEMA	Instituto de Educação do Maranhão
INES	Instituto Nacional de Educação dos Surdos
LDB	Leis de Diretrizes e Bases da Educação
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
NAU	Núcleo de Acessibilidade da Universidade Estadual do Maranhão
MEC	Ministério da Educação
USP	Universidade de São Paulo
SRM	Sala de Recursos Multifuncionais

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
2	REFLEXÕES CONCEITUAIS SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE EDUCAÇÃO E ‘INCLUSÃO’	19
3	HISTÓRIA DAS PESSOAS SURDAS E SUA ESCOLARIZAÇÃO NO BRASIL	27
3.1	Contextualização histórica das pessoas surdas: uma análise de Estigmas	27
3.2	O processo socializador do surdo no Brasil	33
3.3	A regulamentação brasileira e o processo histórico de educação	35
4	UMA DIALOGICIDADE ENTRE O AMBIENTE ESCOLAR E A DIMENSÃO ETNOGRÁFICA	39
4.1	Etnografia do campo de pesquisa	39
4.2	Centro de Ensino Integral Professora Margarida Pires Leal: os aspectos físicos e educacionais	41
5	DISCUSSÃO E ANÁLISE DO CAMPO DE PESQUISA NO PROCESSO DE ‘INCLUSÃO’ DO ALUNO SURDO	46
5.1	A Surdez e a ‘inclusão’ escolar: uma análise das relações de interação no âmbito educacional	47
5.2	A (des) construção da representação social dos surdos no Margarida Pires Leal	56
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
	REFERÊNCIAS	64
	ANEXOS	68
	APÊNDICES	73

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho se propôs em fazer uma pesquisa sobre a inserção de alunos surdos foi desenvolvida no Centro de Ensino Margarida Pires Leal que está localizado na Avenida dos Franceses, Alemanha. A referida escola possui 490 alunos matriculados, isso inclui os dois turnos que a escola oferece para Ensino Médio, sendo que, com a nova proposta de ensino integral, ela está com o ensino integral parcialmente, começando pela 1ª e 2ª série do Ensino Médio e até o ano de 2019 a instituição estará com o ensino integral nas três séries do Ensino Médio, isso porque a última série desse ano está na modalidade do ensino regular.

Partindo desse cenário de inserção do surdo na sociedade e levando em consideração que eles são também sujeitos de direito formulou-se o interesse pela pesquisa, que: do ponto de vista acadêmico, houve um interesse em refletir sociologicamente sobre essa problemática da 'inclusão' e do ponto de vista social, em que a pesquisa contribuiu para uma reflexão sobre a "educação inclusiva" no interior de uma escola, mostrando os avanços e os limites da mesma.

Sabe-se que, nos últimos anos, tem se debatido muito sobre lógicas de inclusão e exclusão social com sujeitos que nasceram ou adquiriram alguma deficiência que estão nos centros dos debates políticos. Partindo desse cenário de inserção do surdo na sociedade e levando em consideração que eles são também sujeitos de direito, formulou-se o problema da pesquisa, que consiste em investigar a 'inclusão' do aluno surdo na educação básica e se existem relações de interação entre esses alunos surdos e a equipe escolar. Nesta perspectiva, o objetivo geral teve como intuito analisar a 'inclusão' do aluno surdo na educação básica a partir das relações de interação entre alunos e a equipe escolar.

Com relação aos objetivos específicos, o primeiro analisa a política educacional de 'inclusão', enquanto que, o segundo busca apreender o ponto de vista dos alunos surdos sobre a 'inclusão' e o terceiro é investigar de que forma os porta vozes da escola apresentam a 'inclusão'.

Para a coleta de dados o trabalho teve como estratégia o método etnográfico, baseado nos estudos de Florence Weber (2009;2014) e Stéphane Beaud (2014) em que elas relatam a forma exata da realização desta técnica, como também, os estudos de Bourdieu (1997) sobre o método da entrevista que foi utilizado na realização da pesquisa, as entrevistas ocorreram de forma aberta,

juntamente, com as observações diretas realizadas ao longo do semestre nas idas ao campo de pesquisa e análise bibliográfica a respeito da 'inclusão' no âmbito educacional.

No segundo capítulo, foi realizada uma reflexão conceitual sobre as relações entre educação e 'inclusão'. Apreendendo os principais conceitos que foram utilizados ao longo do trabalho sobre a temática, como a noção de educação, os conceitos de inclusão, exclusão, desigualdade social, bem como, as categorias analíticas estudadas por Becker sobre a noção de desvio e outsiders, do ponto de vista de Norbert Elias sobre quem seriam os estabelecidos e outsiders, do mesmo modo, com as relações de interação analisadas por Goffman, entre outros autores, para assim analisar a inclusão no espaço educacional.

O terceiro capítulo, por sua vez, traçou o histórico das pessoas surdas e sua escolarização, apontando a sua contextualização histórica na sociedade, o modo pelo qual esses atores eram vistos perante a sociedade, bem como, seu processo socializador de 'inclusão' na mesma e sua forma de acesso à educação.

No quarto capítulo, foi abordado a metodologia e o campo de pesquisa, ou seja, foi nesse tópico a descrição do campo de pesquisa que pôde ser obtida através da etnografia, da mesma maneira que, os seus aspectos físicos e educacionais que abrangem o aluno surdo.

O quinto capítulo deste trabalho, foi realizada a análise e discussão, dessa forma, discorreu-se sobre a surdez e a 'inclusão' escolar, refletindo sobre as relações de interação no âmbito educacional, apreendendo assim, os pontos de vista dos porta vozes envolvidos âmbito educacional, desde o que o aluno surdo compreende por inclusão, como, a (des)construção dessa representação social dos alunos surdos na escola.

Portanto, este trabalho observou que a escola possibilita o processo de inclusão, mas com algumas limitações, sobretudo no que diz respeito as relações de interação entre esses atores sociais. Porém, precisa ser melhorada as relações entre alunos surdos e professores do ensino regular e a gestão escolar se mostrou aberta à mudanças no que diz respeito à este processo de inclusão escolar.

2 REFLEXÕES CONCEITUAIS SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE E 'INCLUSÃO'

A escola como uma instituição social, era para ser um espaço de inserção dos indivíduos. Nessa perspectiva é fundamental a compreensão de alguns conceitos trabalhados pelos sociólogos, que viabilizarão essa compreensão, bem como, estudiosos de outras áreas que se debruçaram sobre o tema da inclusão no aspecto escolar.

Brandão (1981) pensou a educação como uma prática social cuja origem e destino é a sociedade e também a cultura e diz que é por meio da inculcação dos tipos de saber que acaba reproduzindo tipos de sujeitos sociais.

Com base nesse autor, menciona-se Durkheim (2011) que compreende a noção de educação, como algo necessário levar em consideração os sistemas educacionais que já existiram ou ainda existem, isso porque:

A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre aquelas que não estão ainda maduras para a vida social. Ela tem como objetivo suscitar e desenvolver na criança um certo número de estados físicos, intelectuais e morais exigidos tanto pelo conjunto da sociedade política quanto pelo meio específico ao qual ela está destinada em particular. (DURKHEIM, 2011, p. 53- 54)

Segundo o autor supracitado, a educação perpassa por toda uma geração, mas que em cada época a sociedade se organiza de um modo, e com isso, demanda que a escola seja sistematizada conforme os grupos de indivíduos ali existentes, sobretudo, porque as sociedades “mudam” e em cada era possui uma história.

Os processos educacionais são fatos sociais, que segundo Durkheim (2011), significam maneiras de pensar e agir de nós mesmos. E com base nisso, pode-se também ressaltar, segundo Freire (1996) não existe ensino sem aprendizagem, para ele, educar alguém é um processo dialógico, um intercâmbio constante. E é nessa relação, entre educador e educando que um aprende com o outro.

O professor não está ali apenas para ensinar seus alunos, mas sim, para aprender, ainda mais quando se trata de um processo de inclusão, seja ela qual especialidade. Ou seja, no caso da inclusão de alunos surdos é necessário que, o professor entenda a sua relação com esses estudantes, é a mesma que, com seu

aluno ouvinte e que o intérprete está ali em sala de aula para mediar a comunicação/conteúdo.

Bourdieu (2011) analisa a educação contemporânea com base nos estudos de Durkheim. E em “Escritos da educação”, este autor analisa as diferenças escolares existentes que tem base nas desigualdades sociais e isso quebra o que se pensava até então sobre a escola, em que esta instituição garantia as mesmas oportunidades para todos. E que a escola sempre leva em consideração, de forma inconsciente ou não, essa aquisição do saber, visto que, estudantes filhos de famílias de classe baixas não terão o mesmo conhecimento que aqueles que família de classe alta, que trazem de berço uma herança (capital cultural).

Desta maneira, faz-se importante, compreender, por conseguinte, a noção de exclusão social que ganhou ênfase e passou gradativamente a ocupar espaços nos últimos anos, seja nas relações sociais como nas literaturas.

Não existe ao certo um único conceito para o termo exclusão social, ainda mais no âmbito das Ciências Sociais não se sabe como que surgiu e foi visto pela primeira vez. Conforme Avelino (2004), a exclusão por ser utilizada de forma disseminada, acaba pagando o preço da indefinição e também por ser “*empregado por quase todo mundo para designar quase todo o mundo*, reveste-se de imprecisão e carece de rigor conceitual” (Avelino, 2004, p.160)

Segundo Oliveira (2004, p.161), “se considerarmos a literatura relativa às políticas sociais, o termo exclusão aparece no começo dos anos setenta com o livro de R. Lenoir que denuncia os esquecidos do progresso: doentes mentais, deficientes, anciãos...” com a intenção de reduzir a euforia da sociedade francesa, que vivia sob a lógica do bem estar.

No Brasil, essa ideia de exclusão social surge na década de 1990, tendo suas raízes na sociologia francesa. E por vezes esse conceito fica relacionado também às negações de direitos, sobretudo os sociais. Isso acontece por que os mesmos são conquistados, porém nem todos os indivíduos tem acesso a eles. Direitos esses, como acesso à educação ou mesmo a saúde, trabalho, entre outros.

Norbert Elias (2000) caracteriza em seu livro “Estabelecidos e outsiders”, a compreensão da lógica de configuração social e as relações de interdependência, sendo a exclusão social e violência, o que mais se percebe em sua análise. E com base nisso, relatar que exclusão social é justamente esse afastamento de grupos sociais do centro das decisões, sejam elas quais forem, políticas, sociais,

econômicas, entre outras e isso é inerente ao capitalismo, já que foi com seu surgimento que apareceu as exclusões sociais e também as desigualdades sociais.

E por se falar em desigualdade social, precisa-se expor que, nas Ciências Sociais, é provocada pela concentração de renda e a forma da distribuição das cidades, porém, não fica restrita apenas a isso. Existem outras formas de desigualdades, tais como: racial, de gênero e entre outras, e um dos primeiros teóricos a falar em desigualdades entre classes foi Karl Marx (1999) que aponta a mesma por meio do modo de produção capitalista que não é justo para todos, embora o indivíduo possa fazer suas escolhas, as condições sociais acabam sendo influenciadas por sua condição econômica.

Já Rousseau (2008) em seu livro “Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens”, o mesmo, acreditava que a desigualdade iniciaria com o surgimento da sociedade. Para ele, o homem natural é bom, mas quando se envolve em sociedade, passar a viver nela, é que se corrompe refletindo discriminação e desigualdades sociais.

Em contra partida a inclusão para Rech (2013) é um movimento que leva em consideração diferentes épocas históricas e formas e que tem se (re)configurado no Brasil. Segundo Lopes (2009,p.129) ao perceber a inclusão como um imperativo de um Estado neoliberal, explica que a “inclusão na contemporaneidade passou a ser uma das formas que os Estados, um mundo globalizado, encontraram para manter o controle da informação e da economia” (apud Rech, 2013, p.25).

Com base nisso, é importante ressaltar também a diferença entre *integração* e *inclusão*. Que segundo Mantoan (2003) a ideia de integração é que nem todos os alunos com deficiência são inseridos nas turmas de ensino regular, até porque existe uma “seleção” dos que estão aptos à inserção, e enquanto que na inclusão há mudanças na perspectiva educacional, pois não existe limitação porque isso faz com que haja um impedimento no sucesso educacional.

Sasaki (2003) também aborda essa perspectiva, onde a integração escolar vem a ser o aluno que deve se adaptar a escola como, por exemplo, às suas estruturas físicas ou administrativas. Por outro lado, a inclusão escolar é a instituição escolar que vai se adaptar aos alunos para que o acolha sem distinção.

Mantoan (2003) cita a inclusão como: “uma inovação que implica em um esforço de modernização e de reestruturação das condições atuais da maioria de nossas escolas. [...]” ela aponta uma crítica em relação à inclusão escolar, porque

existe uma falta de políticas públicas de educação, pelo fato, da escola ser um sistema educacional que precisa ser revolucionário, com o intuito de ter uma educação mais humana e mais democrática.

A prática de 'inclusão' escolar tem que estar pautada na capacidade de reconhecer e atender o outro e para que isso ocorra,

é necessário entender que a ação de incluir não se efetiva com a retirada ou extinção de serviços ou auxílios especiais da educação. É preciso ter clareza de que, em alguns casos, vão existir alunos que, mesmo inclusos, continuarão necessitando de tais serviços e auxílios especiais, enquanto para outros esses serviços e auxílios se tornam dispensáveis (RODRIGUES, 2010, p.19)

E de acordo com Cristina Lacerda (2006) para a inclusão do aluno surdo ser suficiente precisa-se não só do intérprete em língua de sinais na sala de aula, mas sim de outras providências, como por exemplo: a adequação curricular, os aspectos didáticos e metodológicos, entre outros. Na visão dela “a desinformação dos professores e o desconhecimento sobre a surdez e sobre modos adequados de atendimento ao aluno surdo são frequentes”. Ou seja, um número significativo de escolas onde exista essa 'inclusão' se deve a uma força da lei que decreta tal direito, onde a “escola deve estar aberta à inclusão”. Contudo, por vezes, na prática escolar o cenário é outro do dito na lei, onde pode não existir o preparo de professores para receberem esses alunos, escola adequada e outros profissionais especializados necessários.

Criticando as condições de ensino nas escolas e à medida pelas quais elas têm reagido as “diferenças”, pois há uma crítica a escola do ensino regular, com padrões e modelos de alunos “normais”, pois as escolas de qualidade são as que centralizam a aprendizagem no racional, no aspecto cognitivo do aluno para o seu desenvolvimento, suas práticas e métodos recomendam a exposição oral e a negação do valor do erro.

E é a partir disso, de todos os termos e conceitos, que se analisou o processo de inclusão/exclusão dentro do campo educacional a ser investigado. Onde de acordo com Dos Santos (2012, p. 31)), “mesmo que não haja consenso entre os dois termos, ou mesmo, entre os teóricos sobre o momento e local que surgiram, é possível ainda trabalhar eles a partir de várias perspectivas, como a negação de direito, a noção de desvio e estigma.”

O importante agora é compreender que essa lógica de 'inclusão' que muito tem se debatido atualmente ainda está impregnada por pré-conceitos que ocasionam a estigmatização desses atores sociais e negando direitos conquistados ao longo dos anos.

Com isso, é importante também destacar o conceito de estigma, que segundo Goffman (2017, p. 11), foram “os gregos [...] criaram o termo estigma para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentava”, tais sinais eram utilizados para apontar o portador, ou seja, se era escravo, criminoso e que seu contato deveria ser evitado.

Isso porque estigma para o autor supracitado é permeado pela ideia da presença física entre os estigmatizados e as pessoas normais¹; era utilizado para se referir a marcas e/ou sinais no corpo, para que as pessoas a serem evitadas ficassem evidenciadas como algo de ruim ou extraordinário.

O estigma social classifica o seu portador como desqualificado ou menos valorizado, Goffman (2017, p.4) define como sendo “*a situação do indivíduo que está inabilitado para aceitação social plena*”, tidos como diferentes ou inferiores em relação a maioria da sociedade e para que sejam reconhecidos perante a sociedade e ter sua identidade social precisariam passar por lutas diárias.

O estigma acaba sendo um estranhamento que gera uma ideia equivocada daquele indivíduo que o possui,

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável [...]. Assim deixamos de considerá-la criatura comum e total, reduzindo-a a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande [...] (GOFFMAN, 2017, p.12).

Nas Ciências Sociais, o estigma está relacionado a identidade social do indivíduo e/ou do grupo social que nele se está inserido ocasionando assim um grau inferior de *status social* e ao conceder/ nomear um estigma a alguém ou a um grupo

¹ Termo exposto por Goffman para definir aqueles que estigmatizam.

está fazendo alusão às pré-noções e também o medo do desconhecido que se faz com os outros.

O ser humano como um todo, para Goffman (2017), teria duas identidades: a real e a virtual. A primeira sendo sua identidade pessoal e já esta última é criada como um obstáculo para que a sociedade não possa ver o verdadeiro eu, de como é realmente a verdadeira identidade do indivíduo. Portanto, o estigma acaba se tornando algo ruim, é uma identidade deteriorada e que deve ser combatida, já que seu uso resulta em um mal dentro da sociedade.

Essa realidade hoje ocorre de forma latente, isso porque, tal termo ainda se é utilizado de maneira pejorativa. Esses estereótipos quando criados acabam sendo classificatórios na sociedade, implicando também seu uso nas escolas. A vida em sociedade implica em padrões, tais padrões utilizados de maneira determinante e quando o indivíduo não contempla essa classificação, ele é tido como desviante, assevera que “as formas imediatas de exclusão são compreendidas como quadros patológicos de disfuncionalidade” (OLIVEIRA, 2004, p. 185).

É válido mencionar o modelo analítico de Norbert Elias (2000), apontando que o aluno é inserido dentro de uma rede de interdependência, como por exemplo, a instituição escolar. E esta por sua vez, é para ser um espaço inclusivo, que recebe todos os indivíduos de maneira igual e semelhante, porém, às vezes acaba segregando os alunos, desde seu modo de pensar até suas marcas/ estigmas, categorizando-os segundo normas padrões do processo de socialização.

O autor menciona que cada ser humano é individual e tem sua própria história. Dentro da sociedade, existem instituições que oprimem as pessoas, como o Estado e elas foram criadas por um “eu superior” que acaba se legitimando e que não dá para ser apartado da sociedade e ao se falar em sociedade, é falar de pessoas que convivem em diversos espaços ou campos institucionais mas que têm interesses em comum e que nelas existem leis/ regras previamente e por isso é necessário sua adaptação no meio social.

Norbert Elias (1994) aponta três metáforas históricas para uma reconstrução do modelo de interpretação entre indivíduo e sociedade. Mas é importante frisar aqui a sua metáfora de “rede” na qual cada fio que a compõem possui sua identidade em relação ao todo. E essas metáforas acabam sendo direcionadas a um modelo estático, visto que, para o autor as sociedades são sempre abertas e estão em constante transformação e mudança.

A partir disso, é válido frisar também a ideia de desvio que aqui utilizada é para fazer menção aos alunos surdos, isto é, até que ponto uma característica de alguém pode ser tida como algo que estabelece ou exclui? Essa ideia acaba perpassando por instituições sociais e a partir disso que também deve-se indagar: “excluído de que e por quê? Quais grupos podem fazer essa exclusão e quais critérios?”

A noção de desvio é uma imposição social de qualquer comportamento fora do padrão em diferentes situações. Quer dizer que, dentro de uma escola ou mesmo dentro de uma sala de aula, pode haver o que Becker (2008, p.17) explica em seus estudos sobre a noção de *outsiders* que é “aquele indivíduo que se desvia das regras de grupo”, ou seja, os comportamentos sociais tendem a ser explicados pelo comportamento entre indivíduos.

É importante ainda frisar que essa ideia de outsiders, para o autor citado anteriormente, é uma questão de ponto de vista “aquele que infringe a regra pode pensar que seus juízes são outsiders” (GOFFMAN, 2008, p.17). Sendo assim, esse grupo tido como minoria pode ser visto por eles mesmos como tal, é que a ideia do desvio é bem relativa, porque dependendo do ponto de vista, seja do normal ou do desviante, tal ato pode ser ou não tido como infracionário.

Trazendo isso para os parâmetros educacionais, é dizer que o indivíduo numa instituição escolar pode ser tido como desviante a partir do momento em que o mesmo não se adequa aos alunos ali já matriculados, como no caso, os alunos surdos, mas também, esse mesmo grupo de alunos surdos, embora seja minoria analisando o número total de alunos, possa também achar que os desviantes seriam esses alunos ouvintes ou o próprio quadro de professores.

Visto isso, percebe-se que, essa identidade de desviante “rotulada” a um indivíduo ou grupo social é uma construção social e posta por vezes de forma arbitrária. No que diz respeito as pessoas com deficiência, em especial os surdos, são excluídos de diversas formas, no que compete a uma vida escolar, correspondentes a sua não participação de atividades ou mesmo do grupo de alunos ouvintes.

Acaba ocorrendo dessa forma porque a sociedade classifica, como sua maioria sendo ‘estabelecidos’, segundo a categoria de Norbert Elias (2000) e o que desvia, o que não se adequa àquela realidade como sendo ‘outsiders’.

Essas categorias aqui mencionadas serviram de base ao longo do trabalho para fazer uma reflexão sobre o processo de 'inclusão' do surdo no espaço escolar. Embora a sociedade acabe por vezes limitando ou restringindo o ser humano, ela também, permite a mudança social e essa transformação é bem maior em uma sociedade dita moderna do que em uma tradicionalista. E é por meio desse viés que essa pesquisa se enveredou, para obter um olhar sociológico frente à inclusão de alunos surdos em uma escola da rede estadual de ensino.

Cria-se desta maneira uma relação entre excluídos/ incluídos dentro de uma sociedade. E por meio dessa relação que o presente estudo apreendeu como ocorre as relações entre incluídos e excluídos, quais seriam esses critérios e as lógicas impostas para assim categorizar algum indivíduo como superior ou não dentro de um mesmo ambiente.

E com base nessas reflexões conceituais a respeito desta temática que se foi possível compreender e analisar a história desses indivíduos surdos na sociedade, desde as lutas por seu reconhecimento, como também, seu processo de escolarização.

3 A HISTÓRIA DAS PESSOAS SURDAS E SUA ESCOLARIZAÇÃO NO BRASIL

Neste tópico, buscou-se apreender a trajetória do indivíduo surdo na sociedade, desde a categoria “inválidos” até chegar ao que se conhece atualmente que é “surdo” e como foi imposta no Brasil. Bem como, a escolarização desses indivíduos, se passaram e/ou ainda passam por estigmatizações pelos atores sociais envolvidos em sua escolarização e como os mesmos tiveram sua inserção no meio educacional.

3.1 Contextualização histórica das pessoas surdas: uma análise de estigmas

O processo de socialização dos surdos, parte do ponto de vista Norbert Elias em seu livro “A sociedade dos indivíduos” que mobiliza três campos do conhecimento: a sociologia, a psicologia e a história. Isso se faz necessário, porque em seus estudos o autor analisa e compreende esse processo histórico desde a antiguidade até os dias atuais.

Foi por meio da sociologia que esta pesquisa buscou a compreensão de como ao longo dos anos indivíduos surdos continuam ainda sendo estigmatizados pela sociedade, que mesmo com todo o aparato necessário e instruções, deixam tais sujeitos às margens da sociedade.

Norbert Elias (1994) já apontava que, cada ser humano carrega consigo sua história própria só que em cada sociedade irá existir instituições, como o caso do Estado que tende a oprimir as pessoas já que essa instituição é legítima. E para Bourdieu (2011) mundo social é também representação e vontade; existir socialmente é também ser percebido, aliás, percebido como distinto.

O que cabe aqui mencionar é que, muitas vezes o indivíduo surdo foi tratado de forma apartada da sociedade, o que por séculos ocasionou conflitos. É válido ressaltar diante disso que, não existe nada documentado em relação ao surgimento das pessoas surdas, não se sabe ao certo se foram registros perdidos ou se a própria história que fez questão de não contar.

O importante é que há registros sobre o seu aparecimento na sociedade e que este não foi diferente das formas como as demais pessoas com deficiência eram tratadas, já que ambos foram excluídos e/ou exterminados por serem tidos como frutos de anomalia ou castigo divino. Como Sasaki (2003) menciona,

Se algumas culturas simplesmente eliminavam as pessoas com deficiência, outras adotaram a prática de interná-las em grandes instituições de caridade, junto com doentes e idosos. Essas instituições eram em geral muito grandes e serviam basicamente para dar abrigo, alimento, medicamento e alguma atividade para ocupar o tempo ocioso. (SASSAKI 2003, p.30)

Isso implica dizer que, essas pessoas com deficiência, infelizmente ainda são tidas em nossa sociedade como seres ‘anormais’ e isso é visto ao longo de séculos, porque segundo Canguilhem (2002):

Definir o anormal por meio do que é de mais ou de menos é reconhecer o caráter normativo do estado dito normal [...] Esse estado normal ou fisiológico deixa de ser apenas uma disposição detectável e explicável como um fato para ser a manifestação do apego a algum valor (CANGUILHEM, 2002, p. 24).

O que cabe no momento apontar é que quando se busca definir um conceito, mesmo o mais simplista que existe, tem-se que trabalhar com a ideia oposta. No caso, aqui seria trabalhar com a ideia do que seria o normal para que se possa vir a entender o que seria anormal, que segundo Souto (2013, p. 38):

[...] Só é possível estabelecer os conceitos de normal e de anormal a partir de uma observação sobre os corpos vivos, e se eles só se dão a conhecê-los quando estão acometidos por moléstias que provocam um desvio em seu funcionamento vulgarmente reconhecido como saudável.

A partir desse modo de se pensar, inicia-se um breve relato sobre como se iniciou esses primeiros registros sobre as pessoas surdas no mundo, até chegar a nível de Brasil. Um dos primeiros registros sobre esses indivíduos surdos está na Bíblia que os trata como seres pedintes, isso perdura ao longo dos séculos, como, no começo da idade média, onde os surdos eram vistos como pessoas incapazes, sendo isolados da sociedade ou até mesmo sacrificados por considerarem a surdez como algo vindo de uma “bruxaria”.

Para Goldfeld (1997), a crença de que a pessoa com surdez era uma pessoa rude e irrefletida fez com que perdurasse até o século quinze com a ideia de

que ele não poderia ser educado. Desse modo, tais indivíduos viviam à margem da sociedade, sem possuir direitos a nada do que condiz a vida em sociedade.

Por volta de 335 d.C. aparecem importantes filósofos, como Aristóteles, que acreditavam que o pensamento era desenvolvido por meio da linguagem e da mesma com a fala e, por isso, afirmava que o “surdo não pensa, não pode ser considerado humano”. (Goldfeld, 1997, p. 24).

Na Grécia, os sujeitos surdos eram considerados inválidos e muito incômodos para a sociedade, por isto eram condenados à morte – lançados abaixo do topo de rochedos de Taygète, nas águas de Barathere – e os sobreviventes viviam miseravelmente como escravos ou isolados” (Strobel, 2008, p.95).

De acordo com Silva (2009), havia filósofos também que pensavam em alguma intervenção ou mesmo estudo para saber o porquê de haver pessoas surdas, como o caso do filósofo Heródoto que os classificavam como “seres castigados pelos deuses” ou mesmo Aristóteles que dizia que os surdos e mudos eram seres incapazes de possuir razão, já que é preciso da audição para obter conhecimentos e era absurdo ensinar o surdo a falar.

Por sua vez, Silva (2009), diz que os romanos os tinham como seres imperfeitos e sem direito a cidadania. Durante a Idade Média a igreja lançava aos ventos que os surdos não teriam salvação, logo, pois não falavam e não sabiam dos sacramentos. E apenas com o Renascimento e os adventos da “razão” foi que os deficientes de forma geral foram tendo acesso a algum direito.

Em seguida, com o detrimento da influência do Cristianismo, veio à tona a ideia de que as pessoas com deficiência precisariam ser inseridas no sistema de produção, ou assessoradas pela sociedade, que contribuía, compulsoriamente, para tanto.

Conforme Goldfield (1997), no século dezesseis, na Espanha, o monge beneditino Pedro Ponce de Leon (1520 - 1584) desenvolveu uma metodologia de educação para crianças com surdez que incluía datilologia², escrita e oralização, e criou uma escola de professores de surdos. Em 1620, Juan Martin Pablo Bonet publicou, também na Espanha, um livro que tratava do alfabeto manual de Ponce de Leon.

² Representação manual das letras do alfabeto.

Já no início do século XIX, segundo o autor supracitado, com a evolução da medicina, pode-se descobrir mais sobre o desenvolvimento humano e, o que poderia provocar alterações no desenvolvimento das pessoas. Descobertas essas que possibilitaram identificar que o indivíduo pode nascer com algum tipo de deficiência, desmistificando, desta forma, as várias ideias apresentadas no decorrer da história - de que deficiência era castigo divino, aberração, etc.

Somente com o passar dos anos foi que seu reconhecimento na sociedade começara a ter importância, isso porque médicos estudavam e tentavam de alguma forma 'detectar' essa patologia. Vale ressaltar que, com esses estudos, isso em quase nada mudou a visão de muitos sobre quem era surdo. Percebe-se assim, que a luta por seu reconhecimento no âmbito social vem ao longo dos anos sofrendo transformações, sendo estas de forma progressiva ou não.

De acordo com Silva (2009), com o avanço da sociedade e das tecnologias, foi-se procurando dá mais importância à essas pessoas, dessa forma, em 1755, os surdos começaram a ter educação, ou seja, não era ainda a LIBRAS³ que se conhece atualmente, mas por meio de oralismo e/ ou bilinguismo, com Charles Michel d l'Épée fundou o Instituto Nacional de Surdos Mudos na capital francesa com alunos surdos que ele pegava aos redores do instituto. l'Épée possuiu uma visão democrática para a inserção dessas pessoas surdas, isso porque o mesmo criou vários sinais manuais, fazendo assim que evoluísse para a Língua de Sinais Francesa, obtendo tanto sucesso que se espalhou por toda a Europa.

Nota-se com isso que, esses indivíduos com o passar da época sofreram várias sanções pela sociedade que o compunha. Ou seja, em muitos momentos da história eles acabaram sendo oprimidos ou tendo seu direito de vida negado, isso por ser tido como uma pessoa fora dos padrões da época era sancionado, por leis severas que constituíam a sociedade, mas que mesmo, contudo, eles não desistiram ainda assim, existiam pessoas como Charles l'Épée e outros.

A partir então dos anos 70 começou uma nova forma de encarar a pessoa surda, percebendo que eles possuem uma forma diferenciada de ver o mundo e se comunicar, passando pouco a pouco a não mais serem chamados de portador ou deficiente ou mudo, mas sim, pessoa com surdez.

³ Língua Brasileira de Sinais.

Atualmente, a surdez tem sido objeto de estudo de muitas áreas, devido a essa nova possibilidade das políticas de inclusão, muito diferente do que acontecia antigamente, como discorre Machado (2008, p. 69), “Durante muito tempo, os surdos eram vistos como seres incapazes e deficientes, isto porque, a ausência da fala fazia com que essas pessoas fossem consideradas como desumanos, ou seja, não eram possuidores de alma.”

Dessa forma, os surdos, tenderam a se moldar perante a sociedade, buscando com isso sua aceitação. Porém é que sempre coexistiu conflitos internos, já que, não é tão somente o indivíduo se moldar, mas sim, que ambos se ajudem mutuamente para que assim haja um processo uniforme de convívio social. Isso porque, é impossível estudar o indivíduo de maneira isolada, porque a todo momento eles estão cercados de outros indivíduos, sejam eles os ditos ‘inclusos’ ou mesmo pessoas ‘excluídas’.

Esse tipo de situação começa a ter importância quando teóricos buscam estudar a sociedade e compreendê-la a partir das interações entre os indivíduos, isso porque, o indivíduo é *interdependente*, ou seja, as estruturas sociais e o indivíduo são diferentes, só que isso não significa dizer que sejam inseparáveis, como muitos autores trabalhavam com essa perspectiva. É o que foi estudado por Norbert Elias (2000), as relações de interdependência e essas relações formariam o que posteriormente Norbert Elias (1994) intitularia de *configuração social*.

Seguindo com o modo de pensar sociológico, pode-se também apreender os estudos de Becker (2008) e Norbert Elias (2000) nesse aspecto, já que, os autores supracitados fazem menção tanto ao sujeito desviante, que partindo da ideia de Becker (2008) esse desvio não é necessariamente aquele indivíduo marginalizado ou criminoso, mas sim aquele que está em busca constante por seu reconhecimento social. Ou como também nos apontaria os estudos com base em Norbert Elias (2000), muitos indivíduos seriam apontados como os *outsiders* nessa sociedade, devido à sua exclusão, já que “[...] a exclusão e a estigmatização dos outsiders pelo grupo estabelecido eram armas poderosas para que este último preservasse sua identidade e afirmasse sua superioridade, mantendo os outros firmemente em seu lugar.” (ELIAS, 2000, p. 22).

Goffman (2017), por conseguinte faz alusão a vida em sociedade, que muitas vezes, essa vida é uma busca constante por reconhecimento e essa ação

desviante desses sujeitos. No caso, a pessoa surda, é a própria busca por seu reconhecimento que acaba por vezes não existindo.

Desta forma, aponta-se aqui, alguns termos que foram usados pelas pessoas para tratar as pessoas surdas no Brasil. Sasaki (2003), diz que em todas épocas as pessoas tiveram receio e não souberam como realmente chamar as pessoas que tem deficiência.

Isso implica dizer que ao longo dos séculos as pessoas com deficiência receberam várias designações, isso se faz devido sua aparência ou modo como se apresentava na sociedade, que diferente da maioria dos cidadãos, eram 'diferentes' o que por muitos era tido como pessoas excluídas da sociedade. É o que discorre a autora Quixaba (2015) sobre essas variadas concepções que tais pessoas eram taxadas:

A sociedade, independentemente do espaço e do tempo, sempre manifestou seu caráter excludente em relação a tais pessoas, ora mais, ora menos. Expressões como: débil, debiloide, mongoloide, idiota, coxo, manco aleijado, excepcional, deficiente, entre outras já citadas, foram sendo usadas com a intenção de nomeá-las e identificá-las. (QUIXABA, 2015, p.18)

Ou seja, independente do ano em que esses indivíduos estivessem inseridos, eles foram nomeados por não se adequarem aos padrões sociais que são impostos a cada época da sociedade, mesmo com o avanço da sociedade, em que a mesma com todo os aparatos legais se faça presente, ela sofre punições não legítimas com todos os indivíduos, seja por sua raça, cor ou quaisquer tipo que os tirem do que é tido como 'normal'.

Com isso, mostra-se que, com o começo da história, por exemplo, as pessoas que possuíam deficiência eram vistas como *serem inválidos*, pessoas inúteis e que não teriam importância para a vida na sociedade, a partir do século XX eram chamados de *incapacitados*, ou seja, indivíduos que não possuíam capacidades que mais tarde passou a significar indivíduos com capacidade residual, pessoas que não eram capazes de fazer nada pela sua deficiência.

Contudo, é importante salientar que o foco deste estudo esteve em obter um olhar sociológico sobre o aluno surdo, cuja língua reconhecida como meio legal de comunicação surda é a LIBRAS pela lei nº 10.436/2002. Sendo assim, faz-se necessário aqui apontar que, a pessoa surda segundo o Portal do Surdo: "(...) é um indivíduo que possui surdez, são também possuidores de uma comunicação espaço-

visual, possuindo uma cultura característica”. Embora tenha existido diferentes definições sobre surdez ao longo da história, como será possível analisar adiante.

3.2 O processo socializador do surdo no Brasil

Acredita-se que apesar das dificuldades que eram impostas, nenhuma barreira conferida no convívio social impediu que os surdos desistissem de serem ‘inclusos’ nesse âmbito. Isso implica dizer que, por mais que tenha existido tantos entraves políticos, sociais ou mesmo culturais, esses indivíduos lutaram e lutam por seu reconhecimento e sua ‘socialização’⁴.

Então, ficou nítido nas seções anteriores que o surdo, assim como as pessoas com outras deficiências, tenha passado por uma série de fatores até chegar onde estão atualmente, isso porque seus antepassados, não desistiram tão facilmente dessa fase. Antes, como já foi mencionado nos tópicos passados, esses sujeitos tiveram variadas concepções, bem como, em aspectos teóricos.

Inicialmente, esse espaço na sociedade de ser reconhecido deu-se início na idade moderna com o médico e filósofo chamado Girolama Cardano⁵ (1501-1576) com um estudo afirmava que a surdez e mudez não era um motivo para não aprender, isso porque ele provou que eles eram capazes de raciocinar. E a partir disso, outros médicos e professores começaram a dar importância para tais pessoas.

A inserção dos surdos na sociedade, começara com aqueles de famílias de classe alta, como o caso na Espanha em que um monge beneditino, conforme mencionado anteriormente, estabeleceu a primeira escola para surdos no monastério de Valladolid que ensinava outras disciplinas, como latim e física para dois irmãos membros de uma família aristocrática importante, mas é evidente que ainda haviam posições contrárias sobre essa inserção.

Atualmente, é muito utilizada a expressão *cultura surda*, bem como, *comunidade surda* para fazer menção aos grupos de indivíduos surdos que existem na sociedade. Deixando claro que, o termo cultura em antropologia é uma palavra que serve para designar um conjunto de práticas simbólicas de algum grupo.

⁴ É o processo através do qual os indivíduos são preparados para exercer a sua participação nos sistemas sociais. (Johnson, 1997)

⁵ Foi um médico italiano interessado em estudar o caso do seu filho surdo. Cardano, defendeu que o emprego de palavras faladas não era indispensável para se compreender as ideias, mas defendeu que era necessário aprender a ler e a escrever.

Geertz (1989) diz que ela é uma teia de significados, ou seja, o homem é um animal que está amarrado pelas teias que ele mesmo tece. Enquanto que para os surdos esse termo faz alusão a língua de sinais, ao espaço visual por eles utilizados.

A *cultura surda* deu o pontapé inicial para o reconhecimento destes na sociedade, sendo esta muitas vezes vista como uma forma de barreira cultural entre surdos e ouvintes.

É importante também apontar aqui, pontos de vista médicos sobre a surdez e como ela era representada por eles como patologia, o que não difere muito dos outros pontos de vista aqui já mencionados. Cita-se então, um artigo publicado pela revista de medicina da USP em 1926, que caracteriza a surdo mudez (na época assim chamada) de:

Os indivíduos portadores desta forma de surdo mudez, com raras exceções, são debeis mentaes, candidatos a demencia ou a idiotia. O bocio raramente se apresenta no paciente, mas com frequencia extraordinaria o notamos em outros membros da familia, principalmente na linha directa dos ascendentes. (BACELLAR, 1926, p. 44)

Fica explícito, que com a “evolução” e desenvolvimento da medicina, o surdo passa a ser entendido como um doente e experiências, eficazes ou não, passam a ser frequentemente usadas. E a visão que os médicos tinham não divergia e mantinha também essa imagem depreciativa relacionados ao surdo o que se espera que possa ser dinamitada com o decorrer do tempo e da sociedade.

Importante frisar é que, eles passaram por inúmeras (des) construções sociais. E graças a pessoas engajadas para que eles tivessem sua inserção na sociedade conseguiram finalmente a começarem a ter seu espaço, que inicialmente se deu por meio do oralismo até chegar hoje a LIBRAS.

Os autores supracitados propõem uma reflexão acerca do processo socializador dos surdos no Brasil, demonstrando divergências entre indivíduos surdos e ouvintes convivem em um mesmo meio social e o fato de existir uma cultura surda legitima mais ainda uma maneira de existir desigualdade entre esse convívio, assim como na educação.

3.3 A regulamentação brasileira e o processo histórico de educação

A educação sempre foi algo extremamente necessária para a vida do homem, só que infelizmente, ainda, em pleno século XXI, existem pessoas que não tem acesso à educação como um todo. E mesmo com o avanço da tecnologia e da sociedade ainda se busca formas para a inserção das pessoas com deficiência, em especial a dos surdos.

A escola, nos últimos anos, tem sido muito debatida no sentido de proporcionar a educação inclusiva, no que tange, principalmente os níveis de políticas educacionais para que assim resulte em um desenvolvimento e promova a integração social de todos os indivíduos ali inseridos.

Com base nisso, é importante mencionar a história da educação para surdos, que se iniciou a partir do século XVI na Europa, onde ocorreram os primeiros passos para que os surdos tivessem espaço em escolas. Porém, inicialmente esses primeiros passos começaram com escolas não inclusivas.

O que é válido frisar neste momento, é que os surdos, no Brasil, passaram a ser vistos na sociedade com a chegada de Dom Pedro II que trouxe para o país a primeira escola para surdos-mudos, é importante salientar que anos antes já haviam começado com essas propostas em outros países, mas a nível de Brasil, foi somente com a chegada da corte portuguesa.

O marco inicial no Brasil foi com um professor surdo francês chamado Eduard Huet, que em 1857 sob convite de Dom Pedro II para abrir uma escola para surdos, fundada no Rio de Janeiro, nomeada “Imperial Instituto dos Surdos-Mudos”, hoje “Instituto Nacional de Educação de Surdos” (INES).

Anos mais tarde, Huet deixa o Brasil, deixando em seu lugar o Frei do Carmo que não ficara muito tempo no cargo, vindo a ter outros professores que também não tiveram êxito como Huet e com isso em 1868 o instituto foi considerado um asilo para surdos. Mas nos outros lugares do mundo, as pesquisas e instituições para surdos iam ampliando, foram publicados vários artigos sobre as pessoas surdas, criadas faculdades para eles, como nos EUA em Washington com a Universidade Gallaudet.

Em 1875, tem-se o primeiro dicionário para surdos criado por um ex aluno do INES. E em 1880, realiza-se na Itália o primeiro congresso para surdo-mudo⁶,

⁶ Expressão hoje ‘abolida’ já que não existe um sujeito surdo-mudo. Ou se é surdo ou mudo, os dois não é possível, já que necessariamente a mudez não apresenta conexão com a surdez.

chamado de Congresso de Milão contou-se com a presença de professores dos surdos para analisar qual era o melhor método para se trabalhar com os surdos, ou por meio do gestualismo (um método francês) ou por meio do oralismo (método alemão), ressaltando que esse último era apoiado somente pelos ouvintes. E ao final do Congresso decidiram pelo gestualismo, que perdurou até o século XX, mas acredita-se que anos após o oralismo ganhou força em outras partes do mundo.

No Brasil, em 1957 começaram a surgir leis que restringissem ou pusessem em evidência o surdo na sociedade. Com a lei nº 3198/1957 o INES passa a ser chamado agora “Instituto Nacional de Educação dos Surdos” e proibiram a língua de sinais oficialmente nas salas de aula, entretanto muitos alunos ainda a usavam nos corredores das escolas.

Já em 1969, um padre americano publica um livro no Brasil: “Linguagens das mãos” que continha 1258 sinais fotografados. E com o passar do tempo, foram surgindo confederações de jogos para os surdos, bem como, filmes com atores surdos, como o filme “Filhos do silêncio” em 1986 com a atriz Marlee Martlin que conquistara um Oscar nos EUA de melhor atriz.

Com a segunda metade da década de 1980, começa a ser notado um interesse ainda maior pela educação para surdos no Brasil e isso tende a crescer na década de 1990. Isso aconteceu, porque na Tailândia foi lançado um documento sobre a universalização do acesso ao ensino, chamado de *Declaração Mundial sobre Educação para Todos* que surgiu porque fora constatado imensas desigualdades de acesso à educação básica em virtude de gênero e condição social.

No final da década de 50, com a criação da AACD (Associação de Assistência à Criança deficiente), essas pessoas eram chamadas então de *deficientes*, foi então uma das primeiras formas aceitas tanto pelos indivíduos deficientes como pelos ‘ditos normais’ e também os *excepcionais* que surgiu por meio da APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais), termo este que entrou em debate por questões levantadas por pais de alunos com superdotação, já que de início ‘excepcionais’ era apenas para crianças com deficiência intelectual.

Diante disso, ainda existiram outras nomenclaturas que foram empregadas para se referir à essas pessoas, tais como: “pessoas deficientes”, “pessoas portadoras de deficiência”, “pessoas com necessidades especiais”, “pessoas especiais”, entre outros.

Surge mais tarde a preocupação com a exclusão escolar de crianças com deficiência. E com isso, em 1994 é aprovado o direito de todas as crianças, com deficiência ou não estarem inseridas em escolas de rede regular de ensino conforme a *Declaração de Salamanca sobre Princípios, Políticas e Práticas em Educação Especial*, realizada na Espanha. Mas a estas, a mesma lei ainda define que o devido atendimento as suas necessidades deverão ser atendidas (BRASIL, 1994).

Em 1996 com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), tem-se então uma atenção dedicada para a educação especial que anunciou como sendo: “modalidade de educação escolar preferencialmente na rede regular de ensino, para educando portador de necessidades especiais” (BRASIL, 1996). Acontece que o “termo preferencialmente deixou aberta a possibilidade de o ensino para crianças continuar ocorrendo em escolas ou classes especiais, isto é, em separado das demais crianças” (PRIOSTE, 2011).

Então, em 2002, a LIBRAS passa a ser reconhecida como língua oriunda das pessoas surdas com a lei nº 10.432. No mesmo ano, o Presidente da República Fernando Henrique Cardoso sanciona a Lei número 10.436. Lei esta que oficializa a LIBRAS, como segunda língua do Brasil e declara a mesma como de direito de todo cidadão Surdo como sua língua materna (BRASIL, 2002).

Nessa lógica é assegurado como direito previsto pelo Decreto nº 5.626/05, que além de regulamentar a Lei nº 10.436/02 e o artigo da Lei nº 10.098/00 dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e sua inclusão nas escolas, assim como toda a estrutura curricular nas grades de nível médio e superior.

Cabe enfatizar assim, o que viria a ser essa dita ‘inclusão’ que os mecanismos legais estão frisando tanto na atualidade. Segundo Sasaki (1997, p. 39), conceitua-se a inclusão social como o processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade.

A inclusão social constitui, então, um processo bilateral no qual as pessoas, ainda excluídas, e a sociedade, buscam, em parceria, equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidades para todos.

Com esses avanços fica cada vez mais perceptível que o maior desafio dessa ‘inclusão’ não são os personagens neles envolvidos, sejam os alunos surdos, ouvintes ou mesmo o corpo escolar, mas sim o sistema hegemônico, que ainda o são, infelizmente, resistentes a mudanças.

Ou seja, prega-se uma sociedade dita inclusiva, mas que com sua realidade excludente. É o que Skliar (1998) ressalta que o problema não é a surdez, não são os surdos, não são as identidades surdas, não é a língua de sinais, mas sim as representações dominantes, hegemônicas e “ouvintistas”⁷ sobre as identidades surdas.

⁷ Segundo Skliar (1998, p.15), “é um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte”

4 UMA DIALOGICIDADE ENTRE O AMBIENTE ESCOLAR E A DIMENSÃO ETNOGRÁFICA

Neste capítulo, buscou-se descrever o campo de pesquisa através da dimensão etnográfica, em seus aspectos físicos e educacionais para que assim fosse possível a compreensão das relações de interação ali existentes e de qual maneira esses estudantes eram representados.

4.1 Etnografia do campo de pesquisa

O método etnográfico consiste em um mergulho profundo e prolongado na vida cotidiana desses “outros” que queremos apreender e compreender, é o “olhar de perto e de dentro”(Magnani, 2002), isso porque,

o método etnográfico não se confunde nem se reduz a uma técnica; pode usar ou servir-se de várias, conforme as circunstâncias de cada pesquisa; ele é antes um modo de acercamento e apreensão do que um conjunto de procedimentos.” (MAGNANI, 2002, p. 17)

É importante também não confundir trabalho de campo com o método etnográfico, já que no primeiro apenas observa-se o campo e se pega amostras dele. Enquanto que a etnografia vai, além disso, pois interage com o meio, criam-se amizades, ou seja, estabelecem relações com o campo de estudo.

Beaud e Weber (2014) discorrem sobre esse trabalho etnográfico e as entrevistas que devem ser feitas com um diário de campo, que é um instrumento que o pesquisador usará ao longo de sua experiência etnográfica, técnica utilizada por base na observação direta, à vista disso, que essa pesquisa se baseou, com auxílio da observação direta. Como Florence Weber (2009) discorre em seus estudos que,

O trabalho de campo etnográfico é uma investigação aprofundada que repousa sobre uma inserção de longa duração do pesquisador em um meio social no qual todos se conhecem, ainda que às vezes somente de vista ou indiretamente (por intermédio de relações em comum (WEBER, 2009, p. 25)

Com base nisso, foi possível descrever a instituição escolar, não somente sua estrutura, como também a rede de relações ali existentes. E foi de fundamental importância o uso da etnografia para que possa se compreender como ocorria esse processo de ‘inclusão’ escolar dentro do campo de pesquisa.

Primeiramente, é necessário descrever o campo de pesquisa que é o Centro de Ensino Integral Professora Margarida Pires Leal é uma escola da rede

Estadual de ensino, localizada no bairro da Alemanha, na Avenida dos Franceses s/nº, sendo reconhecido com este nome a partir de 2006, já que sua história vem desde 1963 quando funcionou como um convento Santa Clara que atendia crianças do ensino infantil ao ensino fundamental com a direção das irmãs Tabita e Goreth com o apoio da missão franciscana no Maranhão.

Já em 1969 o prédio foi vendido ao governo do Maranhão, foi fechado e voltou a funcionar em 1971 a 1980 com o Curso de Administração Pública da Federação das Escolas Superiores do Maranhão, de 1981 a 1982 funcionou o Centro de Ensino Médio Coelho Neto e de 1982 a 2002 o Instituto de Educação do Maranhão – IEMA. A partir de 2002 funcionou o Centro de Referência para o Magistério até 2006, de 2006 em diante funciona até hoje o Centro de Ensino Integral Prof.^a Margarida Pires Leal.

Figura 1 - Frente da escola



Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Atualmente, a escola funciona nos dois turnos para o ensino de forma integral, que iniciou essa modalidade na escola no ano de 2017, primeiramente com o 1º ano do Ensino Médio, isso até que as turmas posteriores terminassem os estudos no regular, ou seja, é uma escola que ainda está parcialmente integral e que atende hoje o 3º ano do Ensino Médio na modalidade parcial.

Há um total hoje de 490 alunos, sendo 241 alunos no ensino integral e 249 no ensino parcial/regular. Trabalhando dessa maneira no intuito de que a partir do ano de 2019 ela seja totalmente integral. Existem atualmente hoje 7 alunos surdos, sendo duas alunas do 1º ano do Ensino Médio na modalidade integral e os demais são alunos do 3º ano do Ensino Médio do ensino parcial, vale frisar que no momento, a escola em questão não possui outros alunos com deficiência.

4.2 Centro de Ensino Integral Professora Margarida Pires Leal: os aspectos físicos e educacionais

Com relação ao espaço físico da escola, a parte externa tem dois portões, um do estacionamento e um para a entrada dos alunos, só que este sempre está fechado, fazendo com que alunos e carros entrem pelo mesmo portão.

Já na parte interna, é ampla, passou por reformas no ano anterior, fazendo com que todas as salas sejam climatizadas. A escola dispõe de 14 salas de aula, sala dos professores (com dois banheiros, armários, bebedouro e uma televisão).

Figura 2 - Sala dos Professores



Fonte: Dados da pesquisa (2018)

A escola, passou por reformas novamente para a construção de rampas, já que, segundo o próprio diretor da escola, todo prédio público, independente de ter deficiente físico ou não, precisa ter rampas em seu edifício. A obra estava prevista

para acabar ainda no meio do ano, porém, houve atrasos e desta forma, a escola concluiu suas obras em meados de novembro de 2018.

Há a sala de coordenação, secretaria, sala de informática, sala de recurso multifuncional destinada aos alunos com deficiência no período do contra turno, sala de ballet que não é utilizada para essa finalidade mas que está tendo aulas de fit dance para as professoras em determinados dias da semana, um auditório, duas quadras sendo uma coberta que quase nunca é utilizada e uma aberta localizada no pátio da escola que serve para as aulas de Educação Física.

Possui também uma cantina para as refeições dos alunos e almoço dos alunos do turno matutino-integral, uma lanchonete e uma pequena biblioteca para estudo, possuindo pouquíssimos livros dentro, o que motivou a alguns alunos a criarem um espaço fora da mesma com alguns livros que podiam ser lidos rotineiramente.

Figura 3 - Estante de livros



Fonte: Dados da pesquisa (2018)

No momento, a instituição não dispõe de uma xerox para os alunos ou mesmo os professores utilizarem, bem como, os recursos de data show e som são poucos e devem ser alugados antecipadamente para que o professor possa utilizá-lo ou então ter o dele próprio.

Com relação às salas de aula, elas são espaçosas e climatizadas, possuindo também de dois a quatro ventiladores e um quadro branco, contendo também carteiras com mesas ou só as carteiras para escrever, têm janelas nas salas e também lâmpadas, de quatro a seis, dependendo da sala de aula, o teto das salas são de PVC e algumas portas não fecham, como o banheiro feminino, por exemplo, que alguns não possuem nem porta.

Figura 4 - Sala de aula (1ºano)



Fonte: Dados da pesquisa (2018)

O campo de pesquisa é uma escola pólo de inclusão, ou seja, ela recebe todos os alunos com deficiência que moram na comunidade e áreas adjacentes, como: Caratatiua, Barreto, Apeadouro, Fé em Deus, João Paulo, Vila Ivar Saldanha, Ipase e outras localidades próximas. Contudo, a mesma está recebendo no momento apenas os alunos surdos e outros dois alunos deficientes (com baixa visão e um surdo), mas apenas para recebimento na sala de recursos e existe a “desconfiança” por parte de alguns professores sobre algumas deficiências, mas nada que ainda foi constatado com a psicopedagoga ou laudo trazidos pelos pais. A escola deu início ao processo de inclusão no ano de 2016, onde recebera, na época, alunos surdos, autistas, deficientes físicos, entre outros e conta com apoio da SRM⁸

⁸ Sala de Recurso Multifuncional.

que é uma sala para atender esses alunos em seu contraturno e também recebe do CAS os intérpretes para auxiliar nas aulas.

Esta sala possui alguns materiais disponibilizados pelo MEC, com a ajuda de duas professoras, sendo uma de Língua Portuguesa que entende a língua de sinais e a outra intérprete. Um fato que chama a atenção é que no início do ano, contava-se com dois computadores para auxiliar na pesquisa por atividades para os alunos e uma impressora, porém agora neste segundo semestre existe apenas um computador e a impressora para a impressão de atividades está sem tinta há vários meses e que se a professora da sala não se responsabilizar para comprar tais tintas, os alunos não terão acesso à atividade.

Figura 5 - Sala de Recursos Multifuncionais



Fonte: Dados da pesquisa (2018)

A SRM é o local que os alunos têm acesso em seu contraturno de aula, porém, ela difere do que está proposto, isso porque a funcionalidade da mesma é de complementar a formação do aluno para que venha a ter autonomia, mas na prática está servindo mesmo como uma sala de reforço escolar para as atividades passadas por professores em seu horário regular de aula.

Alguns dos alunos, esse semestre, optaram por ir ao CAS (Centro de Ensino e Apoio a Pessoa com Surdez) que fica ao lado da escola e também porque

lá existem mais surdos e isso facilita novas amizades e aprendizados, bem como, existem a presença de alunos de outras instituições para atendimento na SRM da escola.

Enquanto que as salas de aula que tem esses alunos surdos são sempre dispostas com os mesmos na primeira fileira, para que fique mais fácil a localização e auxílio dos intérpretes para ajudá-los.

Com base nisso, foi importante perceber o modo pelo qual esses estudantes eram colocados em sala de aula, assim como, a representação social e a classificação que os mesmos tinham dentro desse ambiente. E a partir disso, foi possível também analisar a representação⁹ de maneira teatral, com base em Goffman (2014) nos discursos apreendidos com a maneira de ser e agir desses atores e de que modo é atribuído sua identidade nessa perspectiva.

O que foi possível analisar no próximo capítulo quando esses atores foram entrevistados, demonstrando suas opiniões sobre a inserção dos alunos surdos na escola e o modo pelo qual estes eram representados dentro deste ambiente.

⁹Goffman (2014, p.34) se refere como sendo toda a atividade que um indivíduo exerce num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência”.

5 DISCUSSÃO E ANÁLISE DO CAMPO DE PESQUISA NO PROCESSO DE 'INCLUSÃO' DO ALUNO SURDO

Esse capítulo tem por finalidade descrever o ponto de vista dos atores envolvidos nesse processo de 'inclusão', as suas percepções na realidade escolar e como que os porta vozes da escola a apresentam e fazer a análise da fala dos entrevistados, no sentido de compreender como que o processo de 'inclusão' de alunos surdos se efetiva na escola. Para isso, foram analisadas as aulas com esses respectivos alunos, o dia a dia escolar e o modo como se portam na rotina da instituição.

Para a análise das entrevistas foi reportada a compreensão de Bourdieu (1997) sobre o método da entrevista, do qual o mesmo diz que essas relações de pesquisa também não deixam de ser uma relação social entre o pesquisado e o pesquisador e que através dela o pesquisador obtém duas percepções, que são as suas próprias sobre a entrevista como também as percepções do entrevistado e é de exercício do pesquisador saber distinguir para que não cometa uma violência simbólica¹⁰ em sua pesquisa.

Foi necessária a observação direta de como ocorre a relação dos alunos surdos com o corpo da escola, bem como, uma entrevista aberta com os atores sociais envolvidos nesse processo de 'inclusão' escolar.

Fundamentado também na perspectiva que “observar e escutar as pessoas, não interrogá-las, para preservar suas iniciativas de classificação e o domínio sobre suas palavras” (WEBER, 2009, p. 27) e, conseqüentemente, compreender os discursos desses atores na instituição.

A pesquisa se deu por meio da aplicação de entrevista aberta, com o universo de 25 pessoas, sendo estes: 5 alunos surdos, 5 alunos ouvintes, 4 professores do ensino integral, 4 professores do ensino regular, 2 professores da SRM, 3 intérpretes e 2 gestores. Vale ressaltar que dos 7 alunos surdos, somente 5 foram entrevistados, pois um dos alunos além de surdez possui deficiência intelectual e a intérprete ponderou que ele não participasse das entrevistas em razão de que ele não articulava as ideias de forma clara e a outra menina não se disponibilizou para a entrevista.

¹⁰ (Bourdieu, 1989) diz que é uma imposição arbitrária e é apresentada àquele que sofre a violência de modo dissimulado, ocultando as relações de força que estão no poder.

A entrevista foi aplicada no próprio ambiente escolar durante os meses de agosto, setembro e outubro do referente ano e retornando ao campo sempre que necessário, ocorrendo na sala dos professores ou às vezes na SRM para falar com os alunos surdos com a ajuda dos intérpretes. Com o propósito de analisar a 'inclusão' do aluno surdo na educação básica a partir das relações de interação entre alunos e equipe escolar. Também foram realizadas entrevistas com atores sociais do CAS onde foi entrevistada a gestora da instituição, entrevistou virtualmente também a assessora que trabalha no setor de Educação Especial da Seduc, foram entrevistadas também a intérprete de surdos do Núcleo de Acessibilidade da UEMA - NAU Professora Rosângela e a Professora Surda de Libras Louise Oliveira -UEMA com o propósito de obter mais informações sobre esta temática, mas as análises foram feitas somente com os atores sociais da instituição de ensino.

Levou-se em consideração os pontos de vistas dos atores sociais entrevistados, bem como, as relações de interação e esforços em estabelecer uma fachada¹¹ sobre a imagem da escola ou deles próprios no que tange a 'inclusão' educacional.

5.1 A Surdez e a 'inclusão' escolar: uma análise das relações de interação no âmbito educacional

Foucault (1999, p. 52-53) diz que “os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem”, e a partir dessa perspectiva que se analisou os discursos dos entrevistados e com base também no pensamento de Goffman (2014) sobre a noção de representação teatral que muitos proferiram, ou seja, foi por meio de cada interação social que esses atores estabeleceram um 'acordo' com a plateia e com as expectativas do que desejam expor.

E ao serem analisados, mostraram diferentes perspectivas e pontos de vista dos mesmos sobre esse processo, visto que, ocupam cargos diferentes e isso afeta no discurso que esses atores querem passar.

¹¹ (Goffman, 2014) se utiliza desse termo para se referir ao comportamento (papel) que o indivíduo adota quando está diante do outro.

Dessa forma, utilizou-se dos estudos de Durkheim (1990) para a análise de interação que esses indivíduos possuem dentro dessa instituição, uma vez que, a coerção que o indivíduo sofre da sociedade não permite que ele critique a mesma já que ele não esteve presente na elaboração das regras impostas para a vida em sociedade.

Sendo assim, é necessário mencionar também a compreensão de *representação* que foi utilizada para categorizar as análises sociais vistas nas observações feitas em sala de aula e também nos corredores ou horários de saída da escola. Que a partir de um ponto de vista goffminiano o ator social representa, ou seja, a partir da perspectiva de metáfora teatral, esse ator possui formas de representar a realidade, no caso da pesquisa, a instituição social. E por sua vez, esta concilia com os estudos de Durkheim (1994) sobre as formas de enxergar a “realidade social”, dado que a palavra representação diz respeito ao que é pensado ou que transpassa para um nível mental daquilo que acredita ser realidade.

Nesse sentido, coube aqui pensar as diferentes formas de se entender a palavra “representação”, tanto no contexto de uma dimensão teatral em que esses atores encenam, como no aspecto das representações coletivas, que para Durkheim (1994) essas representações são frutos das relações de reciprocidade entre os indivíduos o que perpassa a consciência individual, isso porque as representações individuais são produto das representações coletivas.

Para a realização da pesquisa de campo, elaboramos três modelos de entrevistas (Apêndice A, B, C): uma entrevista aplicada para os alunos surdos, uma para os alunos ouvintes e uma para intérpretes, professores e gestores. A priori, os alunos surdos e ouvintes foram questionados sobre o que entendem acerca da ‘inclusão’, esses atores relataram diferentes percepções a cerca desse mesmo tema.

Entre os alunos ouvintes, percebeu-se que a compreensão de ‘inclusão’ passa pela inserção de alunos em sala de aula, pelas atividades que são promovidas visando a integração deles, para além das atividades em escola em que as pessoas com deficiência, seja ela qual for, deve sempre se inteirar a respeito para nunca deixar seus direitos serem inferiorizados.

Como por exemplo, a fala da aluna ouvinte Amanda¹² do 3ºano do Ensino Médio, em que ela diz que nunca esteve em uma escola que trabalhasse com a inclusão, referenciando assim, o ponto de vista da maioria dos entrevistados,

Eu não sei bem o que significa a inclusão, mas vejo muito sendo falado ultimamente e eu nunca estudei em uma escola que colocasse isso em prática, eu realmente não me lembro se as escolas passadas tinham alguém assim, surdo, sabe? Mas então, a inclusão deve ser essa história de colocar pessoas deficientes dentro do mesmo espaço, mas eu não sei mesmo, acho que deve ser. (Amostra da pesquisa, 2018)

Há também a fala do entrevistado ouvinte João em que esse aluno, menciona que já andou lendo sobre o assunto, que busca sempre se informar sobre tais realidades e acredita que a 'inclusão' seja algo benéfico para os deficientes,

A inclusão pelo o que já andei lendo é uma forma de colocar dentro da sociedade todas essas pessoas com deficiência, de fazer com que eles não se sintam diferente dos outros e eu achei isso muito importante, principalmente pra eles que lutam por isso (Amostra da pesquisa, 2018)

Porém, esse ponto de vista se difere dos alunos surdos, onde esses vão além da inserção em sala de aula, pois, é também a interação entre professores, alunos, embora eles tenham reiterado que existem alguns professores que não se importam, como outros que já iniciaram esse interesse pela LIBRAS.

É perceptível desse modo, observar o que foi posto por Broglia (2006) em relação ao que seja a inclusão no espaço escolar, visto que:

A inclusão apresenta-se como uma proposta adequada para a comunidade escolar, que se mostra disposta ao contato com as diferenças, porém não necessariamente satisfatória para aqueles que, tendo necessidades especiais, necessitam de uma série de condições que, na maioria dos casos, não têm sido propiciadas pela escola. (BROGLIA, 2006, p.166)

Foi possível constatar também na maioria das falas dos alunos surdos que embora eles não consigam definir o que seja 'inclusão', ainda assim, eles conseguem perceber a efetivação a partir da preocupação da inserção deles nas atividades desenvolvidas.

O aluno surdo Rafael também do 3º ano, no que tange a sua inclusão no espaço escolar, afirma que embora não saiba ao certo o conceito de inclusão, sente-se incluso na instituição pelas atividades que são promovidas na tentativa de dar visibilidade a esses sujeitos,

¹² Os nomes e gênero das pessoas entrevistadas foram preservados por questão de ética, sendo assim, os nomes utilizados ao longo do trabalho serão fictícios.

Eu não sei bem o que seja incluir, mas deve ser essa forma que a escola tenta fazer, como as atividades que são promovidas, mas realmente o significado em si eu não sei, mas acredito que deva ser algo de bom pra gente, nós que somos surdos, cegos, deficientes, acho que deve ser isso, essa maneira de inserir a gente nas coisas, sabe? Acho que seja isso, não sei. (Amostra da pesquisa, 2018)

Outro modo que reflete o pensamento do aluno surdo, é o da aluna surda Beatriz em relação ao modo como a mesma compreende essa noção de 'inclusão', onde em seu discurso é possível perceber que para ela, a escola promove a 'inclusão' e que existem professores interessados em se comunicar com eles,

A inclusão é fazer exatamente como essa escola faz, maneiras de não deixar ninguém de fora, aqui, diferente de onde estudei, é muito bom e sempre buscam métodos para fazer a gente se sentir bem, eu gosto daqui por isso, mesmo que tenha professores que não se importam com nossa presença, tem sempre aquele que vem, pergunta se entendemos, assim é com o professor de Biologia, ele já fala um oi pra gente, pergunta se entendemos, acho isso bom (Amostra da pesquisa, 2018)

Dessa maneira, tais discursos deixam nítido a forma como esses atores se interessam pelo tema, ou seja, é mais propenso uma pessoa surda sentir a necessidade de buscar por seus direitos, saber como pode ser incluída na sociedade, do que uma pessoa que não necessita de fato de tal acesso, como exposto no gráfico 1 abaixo:

Gráfico 1- Compreensão de 'inclusão' entre os alunos



Fonte: Dados da pesquisa (2018)

Em seguida, foram questionados a respeito se a 'inclusão' é a melhor maneira para inserir esses alunos numa instituição escolar, a aluna surda Nayara do 1º ano relata que:

Como eu já disse, essa escola é bem legal, nesse sentido, porque aqui eu me sinto bem, eu sou aceita da maneira que eu sou e eu gosto quando alguém vem no recreio me perguntar ou querer saber alguma palavra na língua. (Amostra da pesquisa, 2018)

Em seu discurso, a aluna diz se sentir bem com o que a escola promove, que esta é a primeira escola que ela estuda em que de fato ela percebe isso, como se verificou,

Essa é a primeira escola que consegui me sentir aceita, não vou dizer que não vejo alguns alunos me olhando torto ou mesmo estranhando meu jeito, mas isso eu não ligo mais, antes até confesso que sim, agora não mais. Eu gosto mesmo das aulas, dos professores que se interessam em aprender a LIBRAS, em saber da gente qual a dúvida. Nas outras escolas era muito ruim, era uma zoada só nas aulas, eles achavam que por ser surda eu não me incomodava, mas infelizmente dá sim, aquele barulho das cadeiras não era nada bom e isso também não deixava o intérprete me dizer o que os professores diziam e aqui não, os professores se importam, fazem provas diferenciadas pra gente, eu gostei de vir pra cá...Essa escola é muito boa, diferente das outras, essa eu gostei. Aqui os outros alunos me entendem, conversam comigo e já me pediram ajuda para aprender libras. (Amostra da pesquisa, 2018)

Contudo, é importante salientar que, nem sempre esses atores, mesmo sendo do mesmo grupo, ou seja, mesmo sendo alunos surdos, irão pensar do mesmo modo, como o aluno surdo Daniel do 3º ano que disse:

Eu não gosto muito daqui não, até que antes eu achava bom, mas agora, eu prefiro mais estar no CAS que aqui. Eu não sei direito o porquê, mas eu sei que essa escola tem alguns professores que não ligam pra gente, fazem como se nem estivéssemos ali. Eu me sinto mal às vezes, porque tem professor que nem ajuda a intérprete na dúvida que perguntamos pra ela (Amostra da pesquisa, 2018)

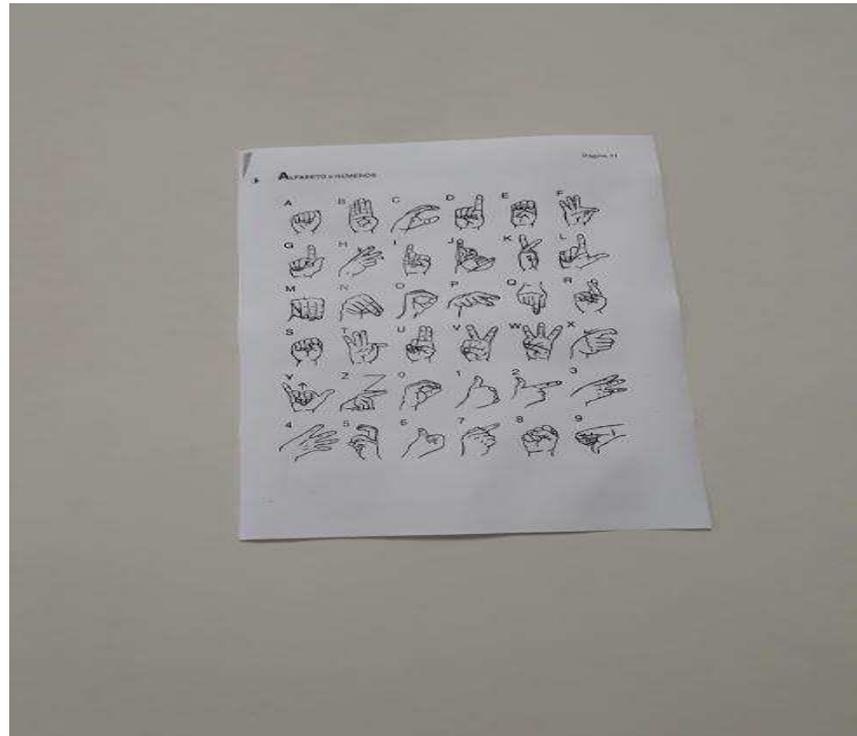
Percebeu-se aqui a diferença nesses diálogos sobre uma mesma indagação, ocorre que, nem sempre se é possível obter uma boa apreensão dos modos de pensar, é o que pôde-se ver nos relatos acima, isso porque, esses atores envolvidos no processo de 'inclusão' escolar acabam sendo recebidos de formas diferentes pelos professores, como vai se perceber no próximo tópico.

Já em relação aos intervalos esses grupos de alunos surdos, em sua maioria, se uniam e ficavam conversando entre eles. Era mínimo a presença de algum aluno ouvinte no meio da roda de conversa, mas existia sim alunos ouvintes com vontade em aprender a LIBRAS, como o estudante Pedro do 1ª ano diz,

Já quis aprender libras, até vi que parece que aqui do lado tem, eu vou ver se vou lá pra saber como que funciona, porque é um idioma e seria bacana se tivesse nas escolas também, de vez em quando eu peço ajuda das meninas pra saber como diz um 'oi', um 'bom dia', essas coisas e eu acho interessante, inclusive, até tirei foto daquele alfabeto ali para eu saber ao menos o mínimo já. (Amostra da pesquisa, 2018)

O alfabeto que o aluno acima menciona está exposto na figura abaixo que se encontra disponível nas salas de aula da escola e também na sala dos professores e gestão escolar:

Figura 6 - Alfabeto Manual



Fonte: Dados da Pesquisa (2018)

Essa vontade e disposição em ensinar era coerente também com os alunos surdos que sempre que podiam ensinavam algum sinal, ou mesmo, alguma frase. Esses alunos surdos sentiam-se bem com isso, gostavam de poder ensinar, assim como as intérpretes que de vez ou outra eram paradas nos corredores da escola para ensinar alguma expressão. Como relata a aluna surda Beatriz sobre tais ensinamentos:

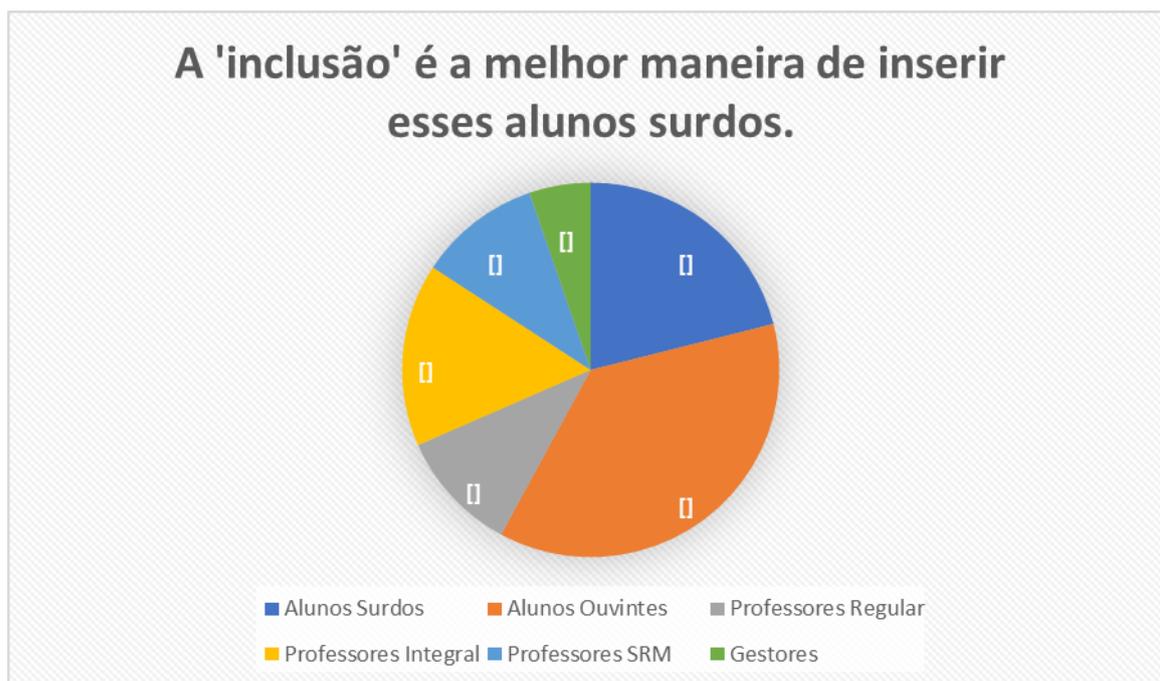
Os meninos sempre me param para perguntar alguma coisa, eu gosto disso, porque vejo que as pessoas se interessam, querem falar com a gente e não simplesmente nos obrigar a falar o português. (Amostra da pesquisa, 2018)

Como também discorre a intérprete Flaviana sobre a mudança de comportamento de alguns estudantes logo após o evento da semana da pessoa com deficiência, promovido pela escola:

Essa busca dos meninos por aprender a libras melhorou mais ainda depois da semana da pessoa com deficiência em que as intérpretes do integral tiveram uma iniciativa nessa programação, onde espalharam pelos muros e salas de aula o alfabeto manual e agora a gente vê muito os alunos tentando fazer o alfabeto. (Amostra da pesquisa, 2018)

O interesse por parte dos alunos, em sua maioria, acaba sendo maior do que pelos professores, tendo em vista que, esses alunos passam mais tempo juntos e criam uma relação de interação bem mais forte que as relações entre alunos e professores. Conforme expresso no gráfico 2:

Gráfico 2- A 'inclusão' é a melhor maneira de inserir esses alunos surdos



Fonte: Dados da pesquisa (2018)

No que diz respeito a outra questão ao que se refere se a LIBRAS dificulta ou facilita essa comunicação, esses entrevistados relataram em sua maioria, o mesmo modo de pensar, em que a LIBRAS tende a facilitar a comunicação, uma vez que os surdos possuem dificuldades em como proceder com a formulação de frases, como aponta o intérprete Joaquim,

A LIBRAS, do meu ponto de vista, só tem muito a acrescentar em nossa sociedade, ela é fundamental, principalmente por ser a segunda língua oficial do Brasil e por ser a língua dessas pessoas surdas. Eu acredito que é muito mais fácil, nós, pessoas ouvintes, aprender essa língua deles e te digo isso por ter feito o curso e também por perceber que eles ao utilizarem o português tem muita dificuldade em usar a expressão de forma correta, pelo fato deles não fazerem uso de conectivos. Então, acredito que ela facilitaria e também, faria jus ao que o governo tanto prega sobre a inclusão. (Amostra da pesquisa, 2018)

Contanto, existem também nos relatos dos atores sociais entrevistados, que acredita que a LIBRAS dificulta a comunicação entre surdos e ouvintes, como

discorre o aluno surdo Rafael sobre tal questionamento, isso porque o aluno acredita que sempre recorre a ajuda de terceiros para mediar sua comunicação com os demais:

A libras, acho que dificulta nossa relação com as demais pessoas, sei lá, é muito ruim, às vezes ter que precisar de alguém nos ajudando pra dizer algo pra alguém, eu acho ruim, mesmo sendo a minha língua, eu não gosto muito, por que tem pessoas que nem ligam pra gente, que não gostam e nem tentam falar com a gente, a gente que acaba se esforçando pra aprender esse português que é muito confuso e eu não concordo com uma coisa assim, porque a libras é uma língua reconhecida aqui mas que, na verdade, não as usam e acabam forçando a gente. (Amostra da pesquisa, 2018)

Desse modo, menciona-se também o modo de pensar do aluno ouvinte Pedro em que ele acredita também que a LIBRAS dificulta a comunicação, porém, caso haja interesse e disposição da pessoa ouvinte, ela tende a ajudar nas relações,

Pra mim ela dificulta, porque sei lá...pareceu muito difícil aprender a falar com as meninas, mas depois da ajuda que tive, até que parece fácil saber da libras, então se você se dedicar, talvez ela ajude, mas é um pouco complicadinha (risos). (Amostra da Pesquisa, 2018)

A compreensão dos entrevistados a respeito da eficácia da LIBRAS na comunicação, está descrito no gráfico 3:

Gráfico 3- A LIBRAS facilita a comunicação



Fonte: Dados da pesquisa (2018)

5.2 A (des) construção da representação social dos surdos no Margarida Pires Leal

Foi notório a forma de classificação que os surdos possuem dentro do ambiente escolar, isso porque, nas visitas feitas à escola, como também as observações ao longo do semestre, era facilmente perceptível o modo que muitos atores sociais tinham com esses alunos e como se dava as relações de interação, como descreve a professora de uma determinada disciplina do 3º ano sobre o modo dela de pensar sobre a 'inclusão' e a inserção desses estudantes em uma sala regular de ensino,

A inclusão que hoje é falada de modo geral, que consta na lei é bem diferente daqui vemos em prática e acredito que tu saibas disso, então, eu acredito que ela é uma falácia, não acho que possa existir não, é uma realidade muito distante para quando se fala de Brasil, principalmente ao se pensar a nível de Maranhão e esses meninos, muitos deles, acabam atrapalhando a minha aula, eu mesma, já deixei eles pra responsabilidade da intérprete, por que eu venho pra dar é meu conteúdo.. (Amostra da pesquisa, 2018)

Neste relato, foi possível de forma nítida compreender o modo pelo qual ainda existem professores que os estigmatizam, conforme já foi reiterado o a

compreensão de estigma no capítulo sobre as reflexões conceituais, que os querem de forma apartada da sociedade e do próprio ambiente escolar.

Para Paulo Freire (1987), esse tipo de professor, seria aquele em que apenas “joga” seu conteúdo, sem possuir nenhuma relação com os seus educandos, ou seja, uma educação bancária, do qual o professor acaba por depositar conteúdos aos alunos, como se os mesmos fossem uma tábula rasa e não pode ser desta forma, pois,

Falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado e bem comportado, quando não falar ou dissertar sobre algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos vem sendo, a suprema inquietação desta educação. A sua irrefreada ânsia. Nela o educador aparece como seu indiscutível agente, como o seu real sujeito, cuja tarefa inclinável é “encher” os educandos dos conteúdos de sua narração. Conteúdos que são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganhariam significação. (FREIRE, 1987, p. 33).

É necessário existir assim, um espaço de aula que seja democrático, que todos participem e exponham seus pontos de vista a determinado conteúdo e que por se tratar alunos surdos estes não acabem por serem estigmatizados, a ponto de um professor achar que eles não possuem conhecimentos suficientes sobre tal assunto, isso porque a aprendizagem é um processo contínuo.

Bem como, um despreparo para um contato em sala de aula que tenha esses alunos surdos. Jogando por vezes a responsabilidade do ensino para os intérpretes, que estão ali apenas com a função de intermediar a comunicação e não de dar aula para os alunos surdos. Isso era evidente, pela maneira que muitos os tratavam, seja por uma simples saudação de bom dia que não era dada, como também, a sua exclusão em sala de aula por alguns professores, que preferiam apartá-los e deixar sob responsabilidade do intérprete.

Houve uma discordância em relação a compreensão de alguns professores do ensino regular e integral em relação à ‘inclusão’ dos alunos surdos, onde os professores do ensino integral procuram sempre estar a par das situações, fazer provas diferenciadas para estes alunos, bem como, uma relação harmônica com as intérpretes.

Entendendo que esta, se trata de uma escola que está parcialmente integral e que deveria possuir mais interesse por parte do corpo docente com relação à esses alunos, foi possível perceber na fala de alguns professores que

colocam a ‘inclusão’ escolar como um ponto a ser melhorado para assim tratar a todos de fato por iguais.

É o que relata o professor de uma determinada disciplina sobre a inclusão e sua experiência com essa proposta de ensino inclusivo,

Eu estou há dois anos como professor e essa é a primeira vez que trabalho com essa perspectiva. É uma experiência única, eu não tinha noção...o que que eu ouvia falar era que as escolas precisam se adaptar, a acolher estudantes que possuem limitações físicas, ou surdos ou cegos, beleza, tudo na teoria. Aqui eu tenho vivenciado na prática isso, eu tenho tido um aprendizado significativo com esses estudantes, vejo a escola bastante inclusiva. É uma relação muito boa, eu gosto daqui e da forma de lhe dar com isso. (Amostra da pesquisa, 2018)

Enquanto que, ao se conversar com a gestão escolar sobre esse processo de ‘inclusão’ referentes aos alunos surdos e como a mesma se porta perante esse posicionamento. Observou-se assim em alguns relatos a existência de uma fachada incorporada por esses atores em relação ao que posteriormente os alunos e professores irão contrapor em seus discursos.

Diante disso, compreendeu-se que, muitos atores sociais fazem uso de uma fachada, termo este, utilizado por Goffman (2014) para se referir ao equipamento expressivo do ator (sujeito) social empregado inconscientemente por ele para sua representação ao se referirem aos alunos surdos.

Ao ser indagado sobre como funciona a ‘inclusão’ no âmbito educacional, a coordenadora pedagógica discorre que,

Essa inclusão na escola, vem ocorrendo desde antes da minha gestão aqui no Margarida. Mas, eu pretendo mudar isso, fazer com que esses meninos tenham mais visibilidade e eu acredito nisso, por que eu faço uma faculdade em Portugal sobre a Educação Especial e a gente vê isso lá, então, eu tenho muitas propostas para trabalhar isso e inclusive, esse ano já mudou bastante, a sala de recursos, por exemplo, já melhorou depois que cheguei aqui, bem como, os próprios professores mudaram seu posicionamento e então acho sim que essa política de inclusão que o governo propôs só tem a melhorar e fazer com que esses estudantes possam ter seus espaços na sociedade reconhecidos como nós. (Amostra da pesquisa, 2018)

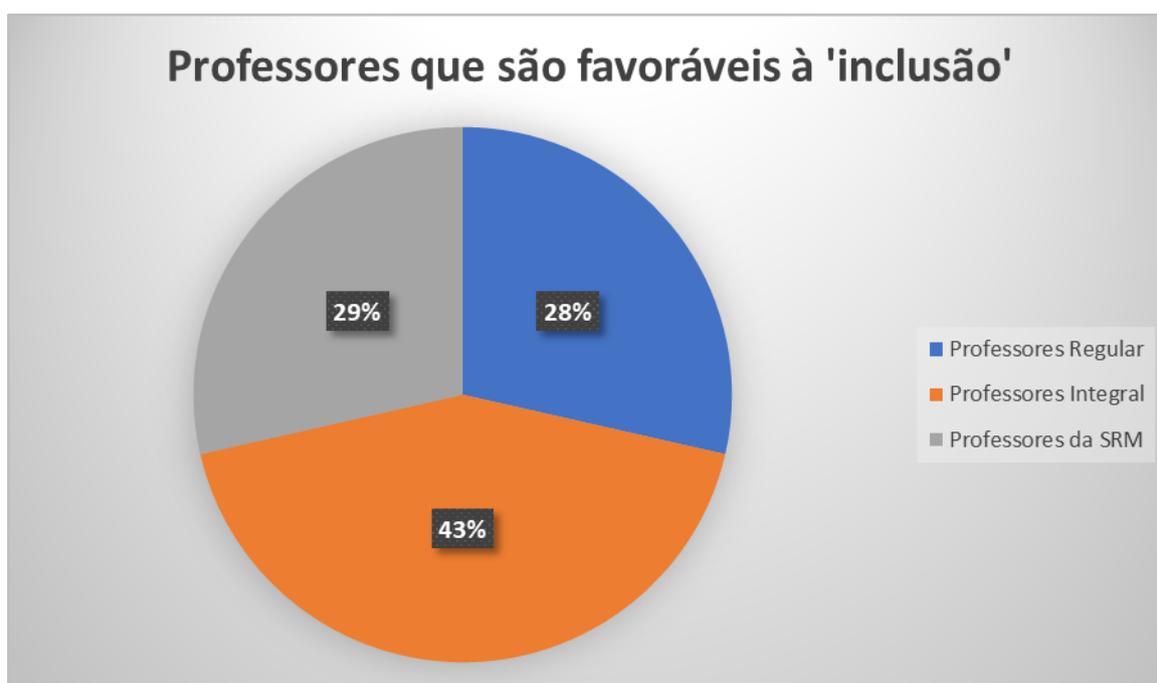
A fala da entrevistada se contrapõe aos demais discursos dos entrevistados, talvez, por que ela precisa encenar um papel que componha seu cenário de trabalho, ou seja, cria-se uma fachada da instituição em relação a um processo inclusivo que difere da forma como muitos relataram.

Segundo Freire (1996, p. 21), “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” Fica

nítido isso, ao estar em sala de aula e poder acompanhar alguns professores a sua forma de lecionar, principalmente no que tange o ensino aos alunos surdos. A transmissão de conteúdos acaba gerando no aluno uma forma fragmentada de aprendizado.

A inserção desses alunos surdos no ensino regular ainda é uma barreira que muitos enfrentam, isso tanto pelos surdos quanto pelos ouvintes. É que a sociedade ainda acredita que o surdo é um sujeito que precisa ser curado, que precisa ouvir para poder crescer na vida, isso não é muito distante do dia a dia nas escolas em que professores despreparados recebem esses alunos e não sabem lidar com a situação e excluindo assim do espaço os que eles acreditam ser 'diferentes', como pode ser observado no gráfico 4 abaixo:

Gráfico 4 – Professores que são favoráveis à 'inclusão'



Fonte: Dados da pesquisa (2018)

Devido a um evento promovido pela escola sobre a semana da pessoa com deficiência que colocaram em pauta justamente o tema “surdez”, com a ajuda das intérpretes do ensino integral em que já foi relatado na fala de alguns estudantes, também na fala a seguir da intérprete que pôde observar muitas mudanças ocorrendo:

Quando fizemos essa programação da semana da pessoa com deficiência aqui na escola, tivemos a intenção de mostrar de fato como é a surdez, apontar os preconceitos que essas pessoas passam, e foram eles (os

surdos) que foram de sala em sala explicar isso e ao final, colocaram um alfabeto manual de libras nas salas. Logo após essa semana, os alunos se interessaram por isso, como também os professores. (Amostra da pesquisa, 2018).

Foi perceptível também analisar que o ensino integral tem tido mais essa preocupação em como inserir esses alunos dentro de sala de aula do que os professores do ensino regular, talvez por passarem menos tempo com esses alunos ou mesmo por falta de capacitação, menciona-se aqui o modo de pensar em que alguns professores pensam sobre isso, como a professora do ensino regular que anteriormente demonstrou um preconceito, ela reitera essa visão na seguinte fala:

Eu acho que esses alunos, seja ele qual for sua deficiência, devem ter sua escola própria, não acredito que necessitem de tudo isso. Isso é muito complicado, ainda mais ter que fazer prova diferenciada, já é uma chatice única ter que elaborar prova, imagina ter que fazer prova pensando em cada aluno que não se adequa às essas provas normativas. (Amostra da pesquisa, 2018)

Diferentemente dos de ensino integral que já buscam inserir uma eletiva¹³ no ano de 2019 com a proposta de ter um curso de LIBRAS, pelo menos o básico, promovido com a ajuda das intérpretes e alunos surdos, como ressalta a professora do integral,

É a segunda vez que estou em uma escola inclusiva e aqui me sinto mais aberta ao diálogo, em expor minhas opiniões e respeitar as dos meus colegas. E foi com base nisso que, tivemos a intenção de criar uma eletiva para ter um curso de libras aqui na escola, isso acabou nos chamando a atenção, porque muitos alunos aqui do integral viviam pedindo e acabamos colocando isso como proposta para a coordenação. Eu espero que dê certo e que aprovem, porque daí podemos realizar essa eletiva com a ajuda dos intérpretes, alunos surdos e também, talvez, professor de português, para poder lançar a nota no sistema. (Amostra da pesquisa, 2018)

A escola, dessa maneira, é para ser um local em que alunos e professores tenham uma relação por igual, já que essa instituição serve para o crescimento do aluno e para que os alunos tenham uma formação adequada, é preciso que os professores também possuam uma educação de qualidade, por que isso perpassa aos estudantes e se efetive.

O mesmo ocorreu ao questionar uma professora da SRM sobre o modo como ela pensa respeito da 'inclusão' promovida pela instituição,

¹³ A eletiva no ensino integral, é uma espécie de atividades que são desenvolvidas por alguns professores de determinadas áreas e realizadas ao longo de um semestre.

A sala de recursos era para ser uma sala de atendimento educacional especializado em que esses alunos com deficiência viriam pra cá em seu horário oposto de aula, então, cada aluno teria seu horário com outros alunos juntos e assim realizariam atividades aqui pra eles, porém, o que acontece aqui, é que esses alunos vem mesmo para realização das tarefas, essa sala perdeu já seu sentido nesse aspecto, pois ela funciona mais como uma sala de reforço, para a realização de atividades das disciplinas que eles tem (...) e outra problemática que a gente enfrenta esse semestre, é que além de não possuir computadores suficientes para ajudar os alunos, muitos deles não estão vindo pra cá ou já optam por ir ao CAS. (Amostra da pesquisa, 2018)

O que se apreende aqui é que esse discurso do professor não condiz com o que foi relatado anteriormente pelo gestor no aspecto que a escola melhorou em relação à essa sala e nessa perspectiva se verifica uma situação de embaraço¹⁴ em que esses atores entram em conflito com a forma de fachada que o gestor criou com a imagem da escola.

Dessa forma, a sociedade sempre foi um local que segrega, divide e estigmatiza as pessoas que não se adequam à realidade ou os padrões impostos por ela. É um ato que acaba sendo intrínseco ao ser humano e por vezes de maneira tão arraigada que muitos não percebem isso. E isso foi perceptível ao longo das visitas à referida escola, com as relações que esses alunos possuíam dentro desse ambiente institucional e o modo como muitos desses atores pensavam sobre eles.

A escola é uma instituição social, como tal, reproduz as relações que se dão no âmbito da sociedade, tais como os preconceitos de todas as ordens.

¹⁴ Goffman (2014) diz em seus estudos que seria uma situação em que o ator social encena seu papel de uma forma e acaba se contradizendo em suas relações de interação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho possibilitou analisar como ocorre as relações de interação dos alunos surdos com a equipe escolar. Com isso, pôde-se perceber a necessidade de se criar mais projetos pedagógicos na escola que envolvam tais alunos, como também, a realização de cursos de capacitação profissional para esses professores que estão em sala de aula para que saibam lidar com as adversidades que ele enquanto educador irá encontrar, principalmente no que tange os alunos surdos.

Percebeu-se uma realidade distante no campo de pesquisa no que está posto em lei, pois embora, a gestão escolar tente mudar isso, existem ainda profissionais que discordam dessa política. E apesar da realização da pesquisa no ambiente escolar, não houve alterações no ponto de vista desses indivíduos, o que fez com que eles desabafassem para expressar como se sentiam na instituição.

Por meio disso, observou-se que esses porta vozes mantiveram uma postura de fachada, mas que por oras acabaram tendo uma situação de embaraço e se contrapondo ao que era dito em seus discursos com a realidade do cenário e o modo pelo qual eles viam a 'inclusão' no aspecto educacional.

Como já esmiuçado ao longo dos capítulos, tem-se, de maneira geral, que mesmo com todos os aparatos legais que existem hoje, infelizmente, a 'inclusão' escolar está muito aquém do que realmente se trata as leis. Isso acontece, por inúmeros fatores, um dos que é essencial apontar seria o despreparo dos professores que trabalham em redes de inclusão, que não possuem cursos de capacitação para receber alunos com deficiência nas salas de aula.

Obviamente, tal acontecimento requereria dos educadores e gestores uma outra postura em relação a este processo, como também, pessoas ainda que os estigmatizam e acabam segregando esses alunos das atividades ou deixando à responsabilidade do intérprete.

Por se tratar de um tema em alta hoje, ele é de fundamental importância para o meio acadêmico, pois, com isso, vai ser possível compreender como inserir e incluir esses alunos, aprimorar os estudos para uma reflexão sobre a 'inclusão' de alunos surdos, como também para a sociedade, já que, é através dela, dos seus

atores envolvidos e do Estado que se é possível incluir e ter os direitos iguais a todos, independentemente de sua raça, religião, ou como se tratou nesse estudo, da surdez.

E em pesquisas futuras, pretende-se propor uma nova análise dessas relações, para que se possa pensar sobre como inserir essas pessoas na sociedade, principalmente, em uma escola.

REFERÊNCIAS

BACELLAR, Arnaldo de Oliveira; LINDENBERG, Henrique. **A surdo mudez no Brasil**. São Paulo: [s. n.], 1926. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revistadc/article/view/61463/64376>>. Acesso em: 13 set. 2018.

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. Observar, preparar e negociar uma entrevista etnográfica - Conduzir uma entrevista. In: _____. **Guia para pesquisa de campo**. 2. Ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRASIL. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos**. Plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem. Jomtien/ Tailândia: UNESCO, 1990. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000862/086291.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

_____. **Declaração de Salamanca e enquadramento da ação na área das necessidades educativas especiais**. Salamanca, Espanha: UNESCO, 1990. Disponível em: <http://redeinclusao.pt/media/fl_9.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2018.

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Especial. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 22 jun. 2018.

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Especial. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais- LIBRAS e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>. Acesso em: 13 jun. 2018.

_____. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_03_internet.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2018

BECKER, Howard S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BOURDIEU, Pierre. Compreender. In _____. **A Miséria do mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. **Escritos de Educação**. 12 ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. **O poder simbólico**. São Paulo: Difusão Editorial Ltda, 1989.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

_____. **Educação e Sociologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. **Representações individuais e representações coletivas**. In: _____. Sociologia e filosofia. São Paulo, Ícone, 1994.

_____. **Sociologia e Filosofia**. São Paulo: Martin Claret, 2009.

DURKHEIM, Émile; MAUSS, Marcel. Algumas formas primitivas de classificação. In: _____. **Ensaio de Sociologia**. São Paulo: Perspectiva, 1990.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

_____. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

GASPARIN, João Luiz. **Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica**. 5. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 20. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

_____. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2017.

GOLDFELD, Márcia. **A criança surda**: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista. São Paulo: Plexus, 1997.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Editora S.A, 1989.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 26, n. 69, p. 163-184, maio/ago. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v26n69/a04v2669>>. Acesso em: 29 ago. 2018.

LOBO, Lilia Ferreira. **Os infames da história**: pobres, escravos e deficientes no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2008.

MACHADO, Paulo César. **A política educacional de integração/inclusão: um olhar do egresso surdo**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

MACHADO, Rosângela. Educação inclusiva: revisar e realizar a cultura escolar. In: MANTOAN, Maria Teresa Eglér (org.). **O desafio das diferenças nas escolas**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, jun. 2002.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

MENDES, Enicéia Gonçalves. Breve histórico da educação especial no Brasil. **Revista Educación y Pedagogia**. v. 22, n. 57, maio/ ago., 2010.

MILLS, C. W. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

OLIVEIRA, Avelino da Rosa. Sobre o alcance teórico do conceito “exclusão”. **Civitas**, Porto Alegre, v. 4, n. 1, jan./jun. 2004.

OLIVEIRA, Luciano. **Os excluídos ‘existem’?** Notas sobre a elaboração de um novo conceito. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_33/rbcs33_04.htm>. Acesso em: 16 out. 2018.

PRIOSTE, Claudia Dias. Educação inclusiva: de que se queixam os professores de escola pública?. In: AMARAL, Mônica; SOUZA, Marília Cecília (org.). **Educação pública nas metrópoles brasileiras**. 1. ed. São Paulo: EDUSP, 2011.

PARSONS, T. **O sistema das sociedades modernas**. São Paulo: Biblioteca Pioneira das Ciências Sociais, 1974.

RAMOS, Rossana. A sala de recursos multifuncionais. In _____. **Passos para a inclusão**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

RECH, Tatiana Luiza. A inclusão educacional como estratégia biopolítica. In: ELÍ, T. Henn Fabris; KLEIN, Rejane Ramos (org.). **Inclusão e biopolítica**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

ROCHA, S. **O INES e a educação de surdos no Brasil: aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos**. Rio de Janeiro: INES, 2007.

RODRIGUES, Irene Elias. **A inclusão de pessoas com necessidades educacionais no processo educativo escolar: uma experiência universal**. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

RODRIGUES, Alberto Tosi. **Sociologia da educação**. 6. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. São Paulo: L&PM, 2008. Disponível em: <<https://adressasteil.jusbrasil.com.br/artigos/376741337/fichamento-do-livro-o-discurso-sobre-a-origem-da-desigualdade-entre-os-homens-de-jean-jacques-rousseau>>. Acesso em: 22 set. 2018.

QUIXABA, Maria Nilza Oliveira. **A inclusão na educação: humanizar para educar melhor**. São Paulo: Paulinas, 2015.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. **Cultura, poder e educação de surdos**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

SANTOS, Deusamar Silva dos. **O processo de inclusão social dos alunos com deficiência física, auditiva e visual na Universidade Federal do Maranhão**. São Luís, 2012.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Como chamar as pessoas que têm deficiência? **Revista da Sociedade Brasileira de Ostomizados**. v. 1, n. 1, jan./jun. 2003.

_____. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. 5. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2003.

SKLIAR, C. Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. In: _____. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SILVA, Silvana Araújo. **Conhecendo um pouco da história dos surdos**. Londrina, 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/prograd/nucleo_acessibilidade/documentos/texto_libras.pdf>. Acesso em: 24 out. 2018.

SOUTO, Caio. **Norma, normal e anormal em Canguilhem e Foucault**. In: SEMINÁRIO DOS ESTUDANTES DA PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA DA UFSCAR, 9. **Anais...** Londrina, 2013.

STROBEL, Karin. **Surdos: vestígios não registrados na história**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2008.

WEBER, Florence. **Trabalho fora do trabalho: uma etnografia das percepções**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

ANEXOS

ANEXO A - LEI N.º 10.436 de 24 de abril de 2002**LEI N.º 10.436 de 24 de abril de 2002**

Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.

Art. 3º As instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em vigor.

Art. 4º O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente. Parágrafo único. A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa.

Art. 5º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação. Brasília, 24 de abril de 2002; 181º da Independência e 114º da República. FERNANDO HENRIQUE CARDOSO Paulo Renato Souza

**ANEXOS - LEGISLAÇÃO CITADA ANEXADA PELA
COORDENAÇÃO DE ESTUDOS LEGISLATIVOS - CEDI
LEI Nº 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002**

Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.

Art. 3º As instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em vigor.

Art. 4º O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente.

Parágrafo único. A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa.

Art. 5º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 24 de abril de 2002; 181º da Independência e 114º da República.

**LEGISLAÇÃO CITADA ANEXADA PELA
COORDENAÇÃO DE ESTUDOS LEGISLATIVOS - CEDI
DECRETO Nº 5.626, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005**

Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso das atribuições que lhe confere o art. 84, inciso IV, da Constituição, e tendo em vista o disposto na Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e no art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, DECRETA:

CAPÍTULO I

DAS DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 1º Este Decreto regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

Art. 2º Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras.

Parágrafo único. Considera-se deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz.

CAPÍTULO II

DA INCLUSÃO DA LIBRAS COMO DISCIPLINA CURRICULAR

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

§ 1º Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso

normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério.

§ 2º A Libras constituir-se-á em disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e na educação profissional, a partir de um ano da publicação deste Decreto.

CAPÍTULO III

DA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LIBRAS E DO INSTRUTOR DE LIBRAS

Art. 4º A formação de docentes para o ensino de Libras nas séries finais do ensino fundamental, no ensino médio e na educação superior deve ser realizada em nível superior, em curso de graduação de licenciatura plena em Letras: Libras ou em Letras: Libras/Língua Portuguesa como segunda língua.

Parágrafo único. As pessoas surdas terão prioridade nos cursos de formação previstos no caput.

Art. 5º A formação de docentes para o ensino de Libras na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental deve ser realizada em curso de Pedagogia ou curso normal superior, em que Libras e Língua Portuguesa escrita tenham constituído línguas de instrução, viabilizando a formação bilíngüe.

§ 1º Admite-se como formação mínima de docentes para o ensino de Libras na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, a formação ofertada em nível médio na modalidade normal, que viabilizar a formação bilíngüe, referida no caput.

§ 2º As pessoas surdas terão prioridade nos cursos de formação previstos no caput.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Entrevista do TCC

Questionário base para os alunos surdos:

- **Perfil dos alunos- sexo-idade-escolaridade**
- Com quem você se relaciona na escola?
- Quem são seus amigos?
- Quem senta do seu lado na sala?
- Quem te ajuda em caso de dificuldade com conteúdo?
- O que você faz e com quem no intervalo das aulas?
- Seus colegas tentam se comunicar com você?
- **Você sabe o que é a inclusão que a escola afirma praticar?**
- **Como você se sente com a inclusão ou não inclusão aplicada na escola?**
- **Como você acha que a escola apresenta a inclusão na instituição?**
- **O que a inclusão representa para você?**
- **Você acredita que a escola promove inclusão?**
- **Já teve interesse em aprender libras?**
- **A inclusão hoje é a melhor maneira de inserir esses alunos?**
- **A libras facilita ou dificulta a comunicação?**

APÊNDICE B - Entrevista do TCC

Questionário base para o corpo docente:

- Perfil dos professores, gestores (corpo docente) -sexo, idade, formação
- A 'inclusão' escolar é a melhor maneira de inserir essas pessoas no meio social?
- Você sabe libras? Porque você (não) se interessou a aprender?
- Seus colegas professores sabem libras?
- Você acha que a libras dificulta ou facilita a comunicação entre você e os alunos surdos?
- O que você pensa sobre Libras?
- **Você acredita que a escola promove inclusão?**
- **Já teve interesse em aprender libras?**
- **A inclusão hoje é a melhor maneira de inserir esses alunos?**
- **A libras facilita ou dificulta a comunicação?**

APÊNDICE C - Questionário base para os alunos ouvintes

- **Perfil dos alunos ouvintes-sexo, idade, escolaridade**
- **Você acha certo a inclusão dos alunos surdos na escola?**
- **Como é sua relação com esses alunos surdos? Houve interesse de sua parte em aprender LIBRAS para uma melhor comunicação e relação com eles?**
- **Como você analisa a forma de tratamento dos professores e seus colegas ouvinte nas relações com os alunos surdos?**
- Com quem você se relaciona na escola?
- Quem são seus amigos?
- Você tem amigos surdos na escola? Você se comunica com eles todos os dias?
- Quem senta do seu lado na sala?
- O que você faz e com quem no intervalo das aulas?
- Você tenta se comunicar com os alunos surdos?
- **Você acredita que a escola promove inclusão?**
- **Já teve interesse em aprender libras?**
- **A inclusão hoje é a melhor maneira de inserir esses alunos?**
- **A libras facilita ou dificulta a comunicação?**

APÊNDICE D – FOTOGRAFIAS REFERENTES À PESQUISA

Pesquisadora com as intérpretes e a aluna surda



Sala de recurso multifuncional



Quadra da escola



Atividade em grupo-disponível na página da escola



Evento realizado na escola em que a intérprete media a comunicação

